

FRANKLIN TAVORA

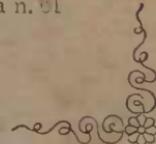
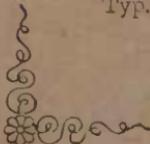
UM MYSTERIO DE FAMILIA

DRAMA

RIO DE JANEIRO

Typ. do Imperial Instituto Artístico, rua d'Ajuda n. 61

1877





UM MYSTERIO DE FAMILIA

DRAMA EM 3 ACTOS

DE

FRANKLIN TAVORA

SEGUNDA EDIÇÃO



RIO DE JANEIRO

Typographia e lithographia do Imperial Instituto Artístico.
rua d'Ajuda n. 61, chacara da Floresta.

1877

UM MYSTERIO DE FAMILIA

CARTA AO AUTOR

Voltaire, o espirito mais activo e talvez o mais vasto e poderoso dos que a França aponta em sua galeria de autores illustres, escreveu uma satyra infame e injuriosa, uma satyra aviltante da propria dignidade delle, contra Joanna d'Arc.

O espirito publico revoltou-se contra o grande escriptor que ultrajára á luz da imprensa a heroína—martyr de uma grande epopéa popular. Mas Voltaire rehabilitou-se. Quando se representou a sua IRENE, o fervor e o entusiasmo das ovações que já haviam acolhido a ZAIRA e a HENRIADA foram muito fortes para que elle, na idade em que já estava, pudesse resistir a semelhante abalo. Em 1791 o povo levava-o triumphante para o Pantheon.

Bocage, poeta democrata de gigantéa estatura, de estro que, no arrojo, na promptidão e na harmonia, ainda até hoje não foi excedido por nenhum outro, teve a penna ensopada nas torpezas do vicio e da licença. Mas Bocage tambem muitas vezes rehabilitou-se das suas faltas repetidas; e nos ultimos arrancos da vida sahio-lhe da alma em versos fluentes e de uma inspiração celeste, o protesto mais solemne e mais repassado de contricção e de dôr, que poderia produzir contra todos os seus desvarios.

Tu escreveste OS CONTOS NO BOTEQUIM (*)... e agora levantas-te

(*) Romance vasado no molde da *Noite na taberna* de A. de Azevedo. Delle se dará talvez algum dia segunda edição escoimada das impurezas e fealdades da primeira.

victoriado pela opinião publica, com a fronte laureada pelas mãos desse povo, que, exaltado e phrenctico, te lançava aos pés no Santa Isabel as palmas de um bello e soberbo triumpho.

Era com effeito preciso fazer claro, manifesto aos olhos de todos, que, n'um desses momentos em que os sentimentos puros cedem seu logar aos grosseiros caprichos da imaginação, até um espirito illustrado e grande como o de Voltaire, o uma alma terna, fecunda e vasta como a de Bocage, pôde ser arrasada a conceber aberrações condemnaveis.

Era preciso mostrar que os espiritos de certa tempera têm em si mesmos o segredo da propria rehabilitação.

E a prova que deste em teu favor foi valente e cabal. A rehabilitação foi um triumpho; e como dos triumphos são inseparaveis os louros, o publico, — tu o viste, — não se demorou a sagrar-te com suas ovações.

Eu por mim ainda agora não posso resistir aos impulsos que me levam a manifestar-te as impressões que senti, e as vagas reflexões que me trouxe a meditação, renovadas e confirmadas depois pela leitura do teu livro.

Sei que te deve admirar que me metta eu, que... que não dou para cousa nenhuma, a escrever-te de letras. Mas o homem não se conhece, e eu tenho a estulta vaidade de querer ter liberdade de pensar, e de dizer o que penso debaixo das formalidades da lei.

E' verdade que não dou tambem para o drama; porém receio que me façam dar para a comedia no futuro... Aristophanes pôde fazer de Soerates um homem ridiculo, e attrahir sobre elle as apupadas da multidão. Eu estou muito longe de Aristophanes; porém não o estou mais do que estão abaixo de Soerates os meus protogonistas. Tem paciencia; lê e perdôa, quando eu tiver sido franeo de mais.

Na exposição das minhas impressões, eu faltaria ao resultado verdadeiro, si me deixasse guiar sómente pelo drama lido, apezar de que em geral é debaixo desse ponto de vista que eu

as exponho ; porque a execução umas vezes não soube realizar o papel, outras vezes não pôde, outras afinal realizou-o perfeitamente ; e a leitura ratificou-me no espirito o que a execução de certos papeis *emprestára* á realidade.

Quando o espirito publico em uma dessas repetidas crises em que o pudor e a virtude da donzella têm sido victimas, ora de sentimentos corruptos, ora do arrebatamento das paixões desordenadas, procura em roda de si, anciada de desespero e de angustia, um ponto de apoio, de protecção e de confiança, a que possa recorrer para suster-se, nada encontra, além de um sorriso desdenhoso e sarcastico da justiça social, estampado no art. 219 do nosso Codigo Criminal.

E' preciso ter-se os olhos e os ouvidos cerrados para não ter-se dado ainda de rosto com uma dessas scenas vergonhosas, em que a deshonra se ostenta com todo o escandalo, invadindo o lar domestico, profanando esse sanctuario, onde as flôres da virgindade exhalam seus suaves e recatados perfumes, e prostituindo com revoltante impudencia o que ha mais puro, mais bello e mais veneravel.

O espirito publico aneia em vão nas angustias desse abandono e desse menosprezo que lhe vota o poder constituido. A cada passo ouvem-se as maldições do desespero que apenas encontram os echos impotentes da opinião ás vezes abatida, quasi sempre irritada.

O poder legislativo occupa-se com futeis e estupidas questões de uma politica nojenta, e não sabe senão isso !

Tu comprehendeste a missão regeneradora do theatro em todas as relações sociaes ; comprehendeste que elle, em nome da moral e da civilização, pôde tambem demandar a reforma das leis.

Apanhar e combinar algumas scenas d'entre a multidão d'ellas, que todos os dias se succedem ; coloril-as no laboratorio da imaginação, e fazer um protesto vivo e real que representasse essa agonia suprema do espirito publico contra a iner-

cia do poder, um quadro fiel e expressivo de uma dessas colisões terríveis, em que a probidade e a honra desamparadas de todos os lados, em um deserto de recursos, trocam a resignação do cordeiro com a sanha do leão excitado, e por unica resposta ao poder publico lhe repetem impassivelmente—*abyssus abyssum invocat*—; eis a synthese do teu bello trabalho, tal como eu a pude fazer.

O pensamento dominante, considerado mesmo em abstracto, apresenta-se naturalmente ao espirito em dois quadros differentes, o segundo dos quaes succede e deduz-se tão consequentemente do primeiro, como um complemento necessario e fatal.

Era preciso primeiro desenhar em quadro natural, verdadeiro, e que o mais seriamente possivel mostrasse a innocencia e a virtude, respiradas com a vida no seio maternal, e vivificadas e nutridas na pratica habitual das mais puras e santas relações do sanctuario da familia, reduzidas, desencaminhadas, e afinal corrompidas; era preciso tornar bem vivas nesse quadro as dôres do arrependimento tardio; era mister lançar nesse recinto de paz e harmonia a desordem e a vergonha da deshonra, que tudo abala e repassa; era mister ainda que o escandalo e que a affronta succedessem ao crime; era sobretudo mister que a desolação nascida do abandono da lei, e que a falta total de uma reparação legitima viessem completar esse complexò de circumstancias que têm a força irresistivel de autorizar *em nome* do poder publico a pratica de um crime, de uma vingança homicida; era preciso, enfim, que esse quadro fosse muito tocante para que o publico se interessasse pela vingança na falta da reparação do delicto, e pudesse indignar-se contra o defeito da lei.

O segundo quadro deixa-se ver atravez do primeiro; ainda um não se completa, quando o outro já se realiza e desenvolve.

Quando se esgotam todos os meios brandos de convicção, e as supplicas encontram um obstaculo invencivel, o desespero

transborda e dá á vingança as côres da razão, como para illudir a consciencia; os brios do coração opprimido debaixo do peso de uma affronta irreparavel, exageram-se em dignidade, e tudo aconselha a que o punhal suppra a lacuna da lei.

Os sentimentos agitam-se todos convulsivamente no fundo do espirito, como os elementos na atmosphaera quando se desencadeia a tempestade. O sangue reflúe ao coração como para instigal-o, e o braço levanta-se!.. Oh! tu foste demasiado generoso para com o poder social! Preferiste ceder ás exigencias do bom gosto, aos conselhos da arte, que tem por indignas da scena moderna essas miserias que todos já sabem; poupaste-nos um espectáculo repugnante e feroz, que deveria despertar sensações duras e grosseiras que não se compadecem com o theatro de hoje.

Traçaste as primeiras linhas desse segundo quadro de conformidade com o intuito que elle promettia; tu o completaste, porém, fazendo d'elle um mixto verdadeiramente bello e artistico. Consequiste o teu fim; mas por uma metamorphose tão facil quanto indefinivelmente bella, trocaste o sangue prestes a ser derramado, pelas lagrimas de um prazer inexprimivel; o orgulho do *aristocrata* suberbo pelos affagos de um coração paterno; o furor e a vingança pela docilidade e pela ternura de um amor filial; as lagrimas de uma mulher infeliz pelos risos de um venturoso consorcio.

Si a escolha do assumpto foi de uma grande felicidade, o effeito alcançado foi um triumpho que não teve ainda igual nos theatros do norte.

Passando agora do plano ao pormenor, da synthese a uma analyse miuda e rigorosa, eu quasi que vejo o ideal realizado.

A naturalidade quasi que se acha em todas as scenas em um gráo admiravel. Sómente alguma vez o dialogo fraqueia nesse ponto de vista.

Eu ouvi sempre dizer que um dialogo natural é uma das maiores difficuldades de um drama; isto me parecia exagerado, mas agora estou convencido de que não é sinão a verdade. E' preciso ter estudado muito toda essa escala cada dia modifi-

cada de attitudes caprichosas do espirito, a versatilidade característica e as sinuosidades que elle toma em cada materia especial sobre que versa o dialogo, para que sempre se possa imaginar a naturalidade delle.

A facilidade com que o enredo se encaminha e se prepara de um acto para outro, e a energia que convenientemente dêste a certas scenas enche-o de uma suavidade tão insinuante que prende, sem que o espirito o sinta.

O estylo é florido e poetico, e ás vezes até de mais em relação a pessoa que falla. Nas passagens em que a imaginação soffrega e rapida fustigava a penna para chegar ao desenlace, o estylo é sempre natural e proporcionalmente bello; mas quando a imaginação esfriava, o pensamento começava a procurar roupa mais enfeitada para mostrar-se. Isso é realmente muito sensível, quando tira a belleza resultante da simplicidade e da singeleza que caracteriza ou que deve caracterisar a personagem.

O estylo é determinado, não só pelas circumstancias do coração, mas tambem pela condição e pela educação. Amelia, por exemplo, segundo me parece, poderia ser reprehendida dessa falta. O sentimento exaltado não procura modo de exprimir-se, não tem consciencia da phrase.

Quanto a mim, um dos mais bellos caracteristicos do teu drama é ser realmente popular e democratico. Não sei explicar um certo impulso que me faz amar de coração a democracia e tudo quanto é popular, e que me ennobrece aos meus proprios olhos.

Quando eu ouvi da boca do dr. Carlos, esse homem grave e circumspecto, as palavras que elle profere ao sahir da casa do *commendador*:

« Eu fui um louco em vir procurar a honra em casa do commendador, quando a deshonra já tinha entrado na casa do typographo, » não pude suster um *bravo* ! que me irrompeu do coração.

Entretanto eu conheço commendadores tão probos e honrados, que o artista mais pobre e mais honrado não os poderá exceder neste particular; mas apraz-me aceitar a generalidade da proposição, que apenas terá algumas excepções em nosso paiz tão real e completamente caracterizado pelo dr. J. de Macedo, paiz em que « o patronato arranca os louros ao merito, a *riqueza rouba as honras á virtude*, o charlatanismo disputa os fóros á sabedoria, o artista é um ilota, o poeta um doudo, o homem honrado um pedaço d'asno, o traficante um heróe. » E para que esse contrapeso de commendas?

As personagens são em geral concebidas e desenhadas com regularidade, sustentadas com firmeza da primeira á ultima scena, e conduzidas com habilidade de modo a augmentarem no interesse que excitam. Em particular, porém, eu que sou supinamente ignorante da litteratura, quizera que me deixassem considerar o dr. Carlos como uma originalidade, e talvez um typo que offereceste ao theatro. Antes de ser encarado pelo lado da profissão, elle pôde ser admirado como um homem de coração dedicado, humanitario e zeloso do bem-estar, da honra e da felicidade do seu proximo, como um protector devotado da innocencia profanada e desvalida, como um amigo sincero e extremoso, como cidadão respeitador das leis, zeloso do bem e do interesse social, collaborador da verdadeira civilização, e empenhado no desenvolvimento pratico da moral evangelica; emfim, um espirito elevado e generoso.

Como medico, eleva-se elle á toda a altura da sua missão; comprehendeu-a e realizou-a.

Com a criação do dr. Carlos tu satisfizeste uma grande necessidade. Os nossos medicos precisavam de uma lição; e si esta servir, ufana-te, que muito fizeste.

Lance cada um a vista para essa longa lista de medicos que os almanaks todos os dias augmentam, e vá apontando aquelles que sabem ter compaixão do mendigo; que não sacrificam ao mais leve incommodo do grande e do rico a vida martyrisada do pobre que alimenta seus filhos com o trabalho de cada dia, e que possam dizer, como o dr Carlos:

« Não pertenço ao numero desses medicos que augmentam as visitas para terem direito a maior paga; pertenço ao numero dos que, comprehendendo melhor a nobre missão do medico, são levados á casa dos enfermos, especialmente pelo intuito de minorarem uma dôr e enxugarem um pranto.... Guarde o seu dinheiro... Veja que pôde vir a chamar algum dos medicos que têm por pharol, não a caridade, mas o ouro que brilha e se extingue de momento a momento como o fogo fatuo dos esterquilinios. »

Talvez seja preciso recorrer-se ao passado para tomar-lhe emprestado José Eustaquio Gomes, aquella alma compassiva, liberal e generosa.

O medico, como homem que penetra no seio de todas as familias, que devassa os mais melindrosos segredos, precisa realmente do ter uma moral austera, um character honrado e circumspecto, e de ter aprendido não só nos compendios mas tambem na biblia. Mas, ao contrario disso, quantas vezes entre nós esses que se incumbem de dar os remedios do corpo, não lovam a infamia para o seio da familia?

Antonio é um character sympathico, generoso até na miseria, nobre, e altivo da propria nobreza, mesmo nos transe do opprobrio. Os reveses e as dôres que lhe opprimem o coração, commovem, inspiram todos os espiritos e enchem todos os corações de sua vingança.

Soubeste dar-lhe toda a força e todas as proporções da grandeza e do realce; soubeste fazel-o compenetrar-se profundamente de todos os golpes que se descarregam sobre elle. Os sentimentos elevados a um alto gráo de vehemencia e intensidade fervem-lhe no fundo da alma, rebentam muitas vezes em explosões arrebatadoras, e annunciam um termo que o espirito chega a comprazer-se de considerar como inevitavel e fatal; e deste modo preparaste uma surpresa bella e agradavel. Esse resultado encerra mais gosto artistico do que á primeira vista parece.

Amelia é a mocinha inexperiente, enlevada pelas fallas doces

da seducção, sacrificada aos impulsos de um amor sem guia e sem freio, e depois arrependida.

O remorso, o pejo das suas miserias devoram-lhe o coração; o temor de ver-se exposta ao ludibrio do mundo, e ao menosprezo de seu irmão,—unico arrimo que lhe resta, horrorisa-a, e dá-lhe um aspecto de melancolia tão intima que a domina a todo o instante e em todos seus actos, revestindo-a sempre de uma poesia suave e indefinivel, que attrahe e encanta de dó e de compaixão.

A differença da condição de Julio traz-lhe ainda mais o espirito sobresaltado. O seu erro é um phantasma que a persegue, e parece querer devoral-a.

Eu quizera, porém, que ella receiasse de tudo e de todos, menos de Julio; que um abandono reciproco os identificasse contra os revezes. Creio que assim farias melhor comprehender quanta força tem o amor daquella idade; de quanto é elle capaz, quando domina um coração novo e recatado, como o de Amelia; e a que extremos e a que perigos arrasta.

Quizera que as mesmas inquietações, os mesmos terrores, o mesmo arrependimento, as mesmas dôres assaltassem aquelle coração nas horas silenciosas e solitarias, em que a consciencia revê o passado; que a sombra sómente do seu irmão lhe fizesse palpitar o coração de susto e de vergonha; e que as mesmas lagrimas lhe banhassem o rosto de continuo; mas que a presença de Julio, que uma palavra amorosa, proferida por elle, fosse como um sopro da bonança nas convulsões da tempestade, acalmasse as agitações do seu espirito; que o amôr expellisse os receios, e que com as faces ainda orvalhadas de lagrimas, o riso lhe despontasse nos labios, a um beijo de Julio.

Quizera que o amor desviasse as palavras de Amelia desse ponto fatal, em que, parece, o pudor mesmo, e talvez o remorso, a devêra emmudecer; porque a não querer fazê-la assim, as lagrimas silenciosas e os soluços suffocal-a-hiam mais naturalmente do que subiriam ao coração aquellas exclamações amargas, reprehensivas, e em linguagem tão positiva. O quadro

seria muito mais natural e pathetico. As queixas, as exprobrações muito repetidas tornam-se impertinentes, e fatigam o espirito afinal. Quer me parecer que tiveste medo de que o effeito falhasse, e exageraste o esforço que fizeste para inspirar a compaixão: carregaste de mais as tintas desse quadro de sorte que a viveza dellas, e o fulgor da luz que derramaste fere a vista.

Julio eu o quizera mais apaixonado, mais dominado pelo seu amor, mais preocupado com elle e com os meios de vencer as difficuldades que a differença de posição social faziam nascer sobre a realização dos seus sonhos dourados. Essas difficuldades deviam ter provocado a sua energia, e exaltado muito mais os seus sentimentos.

Parece que o interesse que ligaste ao seu companheiro de scena prejudicou o desenvolvimento que, de certo, lhe quereias dar. E' apaixonado, porque elle o diz; e muitas vezes parece alheio ao amor e a toda especie de boas intenções a respeito de Amelia. Eu quizera, pelo contrario, que a palavra — amor — não fosse proferida uma só vez; mas que o sentimento dominasse o quadro, transbordasse dos dois corações. Não tem a energia do homem de sentimentos nobres que, tendo consciencia do seu crime, quer a todo trance reparal-o.

O commendador foi desenhado com pincel seguro, que não discrepou um só ponto. E' um bello perfil de aristocrata infatuado, imbuido desses prejuizos estupidos de *nobreza* e *fidalgua*, e tão altanado que parece, como vulgarmente se diz, que « el-rei é seu porqueiro.

E não menos bello é o modo por que afinal o confundiste com os pobres filhos do povo. Mostraste que todas essas vaidosas fôfices, todos esses artificios, todos esses ouropeis com que a sociedade se pavoneia desaparecem, porque nada são, quando falla a natureza e o sentimento.

Quem realmente ainda se lembra das commendas e do orgulho de Jeronymo, quando elle apparece abraçado com seus filhos, sem achar uma palavra que exprima o seu transporte?

Elle proprio não vê em si mais do que o pai de Antonio e de Amelia, — do typographo e da moça infeliz.

O Azevedo não deixa a desejar. E' o typo do proprietario agiota e avaro, miseravel que não se compadece da critica posição do pobre, e que é capaz até de calcular com a miseria de outrem para multiplicar os seus lucros. A scena, em que elle figura, ninguem a imaginaria mais natural e mais viva.

O pequeno José tem uma simplicidade e uma naturalidade infantil que encantam. Ninguem lhe recusará palmas sempre que elle disser : « Sr. Julio, tem ahi um vintem que me dê ? » « Não dá o vintem, não ? »

A resposta que dá a Julio, quando este lhe pergunta, porque são as lagrimas de Amelia : « Por que . . . eu sei lá ! » tem uma ingenuidade, uma singeleza, e ao mesmo tempo um alcance fino e delicado: ha nella muito mais expressão do que poderia haver em duas duzias de palavrões *bombásticos*.

Eu quizera poder ainda entrar em apreciação de cada uma das scenas do drama, onde se encontra sempre muito movimento e muita belleza dispersa ; mas vou já tão longe que apenas tocarei no mais saliente. As palavras « Mano, vamos tambem morrer com ella, » palavras repassadas de dôr e de saudade que se deslisam dos labios de Amelia, depois da morte de sua mãe, trazem lagrimas aos olhos de quem já passou por um golpe semelhante.

E' tocante na ultima scena ver Amelia, que, pouco antes, tremula de receio e supplicante se abraçava ao pescoço de seu irmão para pedir-lhe que não revelasse o seu crime em presença do doutor, vél-a, digo, esquecer essa presença, quando considerou perdida a sua ultima esperanza com a sahida violenta de Julio, e lhe desapareceu da vista o seu futuro e a sua felicidade; é tocante vél-a abrir até ás ultimas dobras o seu coração em um transporte de confiança e de abandono sem consciencia de si : « Mano, e eu fico assim ? Oh ! meu Deus ! quanto sou infeliz ! Só me resta chorar ! »

São estas ultimas palavras as que dão lugar áquelle encerramento solemne, magestoso, e ao mesmo tempo terno e con-

solador, que a voz paternal do doutor proferio: «Chore, chore, minha filha. Bemaventurados são os que choram, porque elles serão consolados.» E' um traço de penna suberbo que fecha perfeitamente o acto, e deixa o espirito enlevado.

O monologo do commendador no ultimo acto caracteriza-o.

A scena entre o doutor e o commendador, quando têm chegado ao objecto da visita, é com as tres ultimas scenas desse acto magnifica. Só a leitura dá idéa do que ellas valem.

E' tambem commovedora a passagem em que Amelia, supplicante aos pés do commendador, contando-lhe a sua triste historia, começa: « Senhor, eu era pobre, mas era pura. . . . »

Quando Antonio penetra no aposento de Jeronymo, o espirito já contempla a realização dessa vingança ou dessa reparação que deve pôr termo a tantos soffrimentos; regozija-se ao vê-lo, e transporta-se a esses proximos instantes futuros para ver a realidade desenvolver-se como uma fatalidade.

Mas é, quando o espirito está o mais solidamente convencido e certo de que a realidade não pôde ser outra, que tu transformas o quadro, e fazes que uma metamorphose se opere a cada palavra que profere o dr. Carlos, como raios que deslumbram sem fulminar; de sorte que á sua ultima palavra, só resta do primeiro quadro e do segundo a figura magestosa e imponente do protagonista para exclamar, como um pintor entusiasmado, que contempla sua obra prima:

« Só a mão da Providencia poderia formar este quadro! »

Que a realização do juramento, que fizeste pela boca de Julio, venha um dia completar o teu empenho e a tua gloria!

L. F. Maciel Pinheiro.

Illm. sr. dr. Franklin Tavora

Quando um talento novel e uma inspiração fresca e viçosa fazem na litteratura dramatica uma estréa dos quilates do seu **MYSTERIO DE FAMILIA**, trabalho que para alguns seria um ambicionado fim, para muitos uma invejada demonstração de intelligencia, e para todos tão suspirado quanto glorioso principio, é porque Deus accendeu na fronte de seu autor a estrella das concepções immortaes.

Eu, artista, a quem um fatal condão não permite enthusiasmar-me sinão pelo bello, impressionado como estou pela leitura do seu mimoso drama, peço-lhe me permitta endereçar-lhe um pedido, que com toda a certeza contém uma prophecia, si prophecia pôde chamar-se a previsão de um astro, ao qual pouco falta para resplandecer com todas as galas da magestade no grandioso horizonte das lettras patrias.

O pedido é o seguinte :

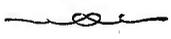
Cultive incessante e cuidadosamente o fecundo solo de sua intelligencia, e muito breve o nome de Franklin Tavora será uma das mais distinctas glórias do Brazil, uma das maiores illustrações do theatro moderno brasileiro.

Tenho tanta vontade de representar o seu **ANTONIO** (*) quanto é certo que jámais sellei com o meu nome uma lisonja.

Sou com a maior estima e consideração

FURTADO COELHO.

(*) O sr. Furtado Coelho representou o **ANTONIO** recebendo grandes applausos.



PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Este drama não teria talvez nova impressão si não fôra a benevolencia dos srs. Carlos e H. Fleiuss, incansaveis amigos das nossas lettras.

Não pertenço ao numero dos que se mostram inteiramente descrentes da restauração da arte dramatica entre nós, embora seja eu o primeiro a reconhecer que ella anda abatida e conspurcada e que os nossos theatros, outr'ora templos em cujas aras se sacrificava ás musas gentis e verdadeiras, pouco differem hoje, com raras excepções, das barracas de panno sarapintado, em que os pelotiqueiros dão representações por baixo preço á plebe, ou quando muito á burguezia das aldeias, amante do maravilhoso, ordinariamente ridiculo e materializador.

Não por descrever da sorte do theatro, visto que acredito que no momento do maior perigo elle se salvará do naufragio, bastando para isso, como para a salvação das nossas lettras em geral, o esforço de alguns timoneiros, mas por me parecer que está longe de merecer as honras de uma segunda edição o presente trabalho, honras a que sómente tem direito as obras de reconhecido preço, eu não me animaria jamais, confiado em mim

unicamente, a commetter hoje as ondas da publicidade em tão fragil batel.

O que este drama vale eu o sei melhor do que ninguém. Nem me cegam nem cegarão jamais a consciencia palavras benevolas, applausos generosos, mais animadores do que justos, de nobres espiritos, inclinados a incitar a mocidade corajosa a conquistas arriscadas.

Eu o considero mais um ensaio, do que uma obra acabada, que possa passar pelas provas de uma representação a que assistam entendidos.

Quando o escrevi, tinha dezoito annos de idade, e era profundamente ignorante das litteraturas, principalmente da litteratura dramatica. Foi algum tempo depois da época apontada que tive occasião de estudar e admirar a grandeza do theatro grego nas monumentaes composições de Eschylo, Euripedes, Sophocles e Aristophanes; o movimento e as paixões do originalissimo theatro hespanhol nas de Calderon, Lope de Vega e Alarcon, e de reconhecer, com um critico altamente competente, que o theatro francez está em grande divida ao hespanhol; a energia e a magestade sombria do theatro inglez nas tragedias, não direi inexcediveis, mas inimitaveis de Webster e de Shakspeare; a elevação, ás vezes pesada na poesia de Gil Vicente e de Antonio Ferreira, sempre graciosa, delicada e terna na prosa louçã e flexivel de Garrett,

do drama portuguez, brilhantemente representado em nossos dias por Mendes Leal, C. Castello Branco e A. Ennes.

Porque não hei de declarar a verdade inteira? Eu não tinha lido sequer o *Frei Luiz de Souza*, drama ou tragedia com a qual nenhuma outra se compara na litteratura portugueza, nem sob o aspecto do sentimento, nem sob o da correcção, naturalidade e encanto da catastrophe, sahida já dramatica e grandiosa do ventre da chronica, a uso da Minerva, que nasceu armada da cabeça de Jupiter. E' porém verdade que, si eu o tivesse lido então, não o teria comprehendido. E já que vem aqui muito naturalmentente ao nosso caso, referirei o que se deu comigo quando pela primeira vez li esse singular trabalho, em que se vê fundamentalmente impresso o sello, assim do espirito, como do coração moderno, sabiamente retrotrahidos pelo prestimoso escriptor á época em que viveram Manoel de Souza Coutinho e D. Magdalena de Vilhena. A' primeira leitura o *Frei Luiz de Souza* pareceu-me nada menos do que uma semsaboria; a ternura, a grandeza, a verdade, a originalidade, a singeleza, a perfeição que constituem esse primoroso monumento do nosso idioma, só se me revelaram depois, quando eu já tinha gosto e educação litteraria bastantes para que me impressionasse a belleza, a moral, a heroicidade do coração de

Manoel de Souza Coutinho, coração que ainda por nenhum foi excedido na compreensão da dignidade humana, coração que poderia bater, livre e nobremente, entre as arcas do peito de Catão.

Contarei em poucas palavras a historia do presente trabalho.

Em outubro de 1861, o meu amigo Bessoni de Almeida, membro de uma associação theathral que se organizára em Olinda, pediu-me que escrevesse um drama de poucos actos no qual não entrasse sinão uma ou duas damas, a fim de ser alli representado. Satisfiz o meu compromisso, lendo em prezença do meu amigo e de outros, a cabo de dez dias, o trabalho a que denominei — UM MYSTERIO DE FAMILIA.

Por então tinha eu sido apresentado ao actor portuguez, sr. A. J. Duarte Coimbra, empresario do theatro de Santa Isabel. Esta circumstancia pareceu a Bessoni, amigo generoso, favorecer a representação do ensaio dramatico, ainda por limar, no primeiro theatro da provincia. O certo é que, na noite de 2 de dezembro, o drama recebia das mãos de uma platéa publica e numerosa a consagração, que o habilitou a apparecer pela imprensa o anno seguinte. Em testemunho de minha divida áquelle que tão liberalmente me abriu a porta, por onde, pela primeira vez, o publico me sobrecarregara com seus favores, offereci ao digno

empresario a propriedade da obra, de que elle fôra o primeiro encosto, tomando parte na representação, e não poupando boa vontade para que ella tivesse, como teve, acceitação ampla e estrepitosa.

Não era de todo pobre de sentimento, mas estava tosco, informe, incorrecto o drama; o portuguez era em alguns pontos detestavel, o estylo desigual. Tomando-o ultimamente nas mãos para o rever, e relendo-o depois de tantos annos, tive uma nova prova de que sem estudo, meditação e tempo sufficiente para se descobrirem os defeitos naturaes da primeira mão d'obra, poder-se-ha ter o resultado de uma grande inspiração, o producto do talento em um dos assomos de sua espontaneidade grandioza, nunca porém se ha de ter uma obra d'arte, um todo completo, acabado, que resista ao exame do mestre e á analyse do critico, por benevolos que sejam estes. Não se consegue de um jacto a perfeição artistica. Nas inspirações do genio humano prepondera a mesma lei que domina nas erupções vulcanicas: com a chamma que incendeia e illumina, vem as fezes sordidas da materia.

Essas fezes, que são como um accessorio fatal, foram o que me esforcei para afastar, nesta edição, da inspiração e do esforço natural.

Por indicação da critica, fiz grandes correccões e por meu proprio impulso muitos accrescentamentos.

Imaginei scenas inteiramente novas, e até um novo personagem. D'essas scenas algumas estão figurando no lugar das que me pareceu serem de-feituosas ou fracas; outras estão servindo de élo a lances que se não prendiam sinão por meio de rudes transições.

Sem embargo destas profundas alterações e vastos augmentos, veem-se ainda no drama scenas tão chãs, que poderão talvez afigurar-se vulgares e semsabores aos exigentes. Devo porém declarar que si eu tivesse, não de rever um drama feito, mas de escrever um drama inteiramente novo, não figurariam n'elle scenas e dialogos differentes dos que ahi foram deixados, de proposito deliberado, por parecer que interpretam fielmente a classe e as condições da vida dos respectivos personagens.

A inspiração, o pensamento, a alma do drama primitivo, esses são os mesmos; julguei-me obrigado a respeitá-los e transmitti-los sem mutilações, e unicamente com rapidos retoques nos pontos em que se exigia mais desenvolvimento, clareza e exactidão.

Por isso debalde se buscará neste trabalho uma situação difficil, não segundo a natureza, mas segundo a arte. Nenhum lance foi aqui engendrado de proposito para produzir effeito. Filho de um esforço natural e de uma ignorancia unicamente attenuada pelo gosto que desde os pri-

meiros annos me inclina para as lettras, o que neste drama se possa achar delicado ou pathetico deverá ser attribuido, menos ao estudo anticipado e á combinação prévia da visão artistica, do que á espontaneidade do pensamento ou da acção, que se deixou correr livremente, e á qual se confiou o encargo de se fazer por si mesma interessante ao publico. O sr. Ernesto Biester, que, notando alguns defeitos, teve para este drama varias palavras de animação e favor, é o primeiro que affirma ser “a acção naturalmenté conduzida até ao desenlace,„ (1)

O primeiro merito porém, sinão o unico deste trabalho, a meu parecer, manifesta-se logo a todas as vistas. O povo encontra nelle episodios de sua vida de dores e lagrimas; lê nas paginas da obra uma pagina da longa historia delle, historia em que os dissabores e as afflicções sobrepujam, pelo numero e pela intensidade, aos prazeres, de ordinario rapidos no seio da humanidade, quanto mais no coração d'aquella parte d'ella, da qual são essas afflicções o mais natural e avultado patrimonio.

Em attenção a terem sido escriptas de livre vontade e espontaneamente dirigidas a mim por seus

(1) Vid. o numero de abril de 1862 da *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*.

autores, julguei dever de cortezia reproduzir as cartas que precedem a este prologo.

A primeira dessas cartas está assignada pelo dr. L. F. Maciel Pinheiro, que, tanto na imprensa politica do norte, da qual é um dos mais conspicuos ornamentos, como na litteraria onde, por má sorte da nossa critica, poucas vezes tem apparecido, posto que sempre com grande brilho, está acostumado a julgar os homens e as coisas com a mesma severidade de sentimentos e alteza de character que hoje fazem d'elle um dos magistrados que mais honram o nosso paiz.

O nome illustre que firma a outra, só por si é uma autoridade: é Furtado Coelho, essa grande musa do nosso theatro, que donde quer que desprenda os seus inspirados vôos, reunirá sempre, para que lhe admirem a altura e a grandeza, como está acontecendo actualmente no Cassino, o escol da sociedade versada nos primores e monumentos dos primeiros mestres em lettras e artes.

Eu não posso concluir este prologo sem agradecer aos srs. Fleiuss a hora e attenções com que me distinguiram, não poupando esforços nem despezas para que este livro sahisse das suas officinas com a nitidez e perfeição de que ellas tem dado os mais formosos e admiraveis modelos.

Rio, 7 de agosto de 1877.

FRANKLIN TAVOBA.



UM MYSTERIO DE FAMILIA

PESSOAS

CARLOS PEREIRA, medico
ANTONIO FERREIRA, typographo
JULIO, estudante
JERONYMO, fazendeiro
AZEVEDO, negociante
ANSELMO, meirinho
VICTOR, criado de Jeronymo
JOSÉ, menino pobre
AMELIA, irmã de Antonio Ferreira
FLORINDA, mulher pobre

EPOCA, a actualidade. — LUGAR DA SCENA, o Recife.

ACTO PRIMEIRO

Casa pobre. Da boca até o meio da scena, o theatro mostra-se livre em toda a largura; dahi para diante está dividido, ficando á direita a sala, com porta e janella de gelosia no fundo, e á esquerda um compartimento fechado, com porta praticavel para a sala. A' direita B uma porta que leva ao corredor. E' dia.

SCENA I

Antonio só, ouvindo as ultimas pancadas de um relógio, senta-se no canapé onde, ao levantar do panno, appareceu adormecido com a cabeça reclinada sobre uma almofada.

Oh, meu Deus ! Que claridade, que luz é esta ? Ah ! não me engano. E' dia claro ! (*Affirmando a vista na gelosia*) O sol está fóra e bem alto já. (*Levantando-se*) Bem dizem que o somno é ladrão. Ando tambem tão tresnoitado ! (*Chamando*) José ? José ? (*Comsigo*) Como teria amanhecido minha mãe ? Pobre mãe !

SCENA II

Antonio, José

JOSÉ (*entrando*)

Vosmicê me chamou ?

ANTONIO

Chamei. Não fizeram o que eu disse, e deixaram-me dormir a somno solto. Passou da hora de

dar o remedio à minha mãe. Tel-o-iam dado em tempo?

JOSÉ

Eu quiz acordar vosmicê... Sinha Amelia foi que não quiz.

ANTONIO

Como amanheceu minha mãe?

JOSÉ

Assim mesmó.

ANTONIO

O doutor não veio ainda ?

JOSÉ

Ainda não, senhor.

ANTONIO

Faltou á promessa que me fez, de vir hoje muito cedo! Ora! Quem sou eu para merecer que se lembrem de mim, de minhas agonias, de minha miseria? Quem sou eu, oh! meu Deus?! (*Pausa*) Si eu pudesse ter para os grandes opinião e capricho, eu os teria, nunca, porém, em momentos semelhantes a este, momentos de angustia cruel. Mas eu não tenho razão de dizer mal delle que se tem mostrado na doença de minha mãe, sempre

dedicado e diligente como o melhor amigo. Vai, corre logo à casa do doutor. E' preciso que elle a venha ver sem detença. (*José sahe*)

SCENA III

Antonio (*só*)

Que triste amanhecer, meu Deus ! E' o amanhecer do pobre. Ainda bem que na luz do dia vem a esperança, e na esperança um raio da misericordia de Deus. Si não fôra isso como não havia de ser cruel para mim esse sol, essa luz, que faz bem clara a minha dôr, bem vivo o meu desespero ? !

SCENA IV

Antonio, Amelia

AMELIA (*pela esquerda*)

Já de pé, mano ?

ANTONIO

Como está minha mãe ? Melhor ? Melhor ?

AMELIA

Não se assuste. Mas parece-me que ella amanheceu muito ruim, mano, muito ruim !

ANTONIO

Que está dizendo, que é que diz? Não lhe fez bem nenhum o remedio que o doutor receitou de noite?

AMELIA

Nenhum, nenhum bem. Passou o restante da noite inquieta e agoniada. Sobre a madrugada foi que socego um pouco. Mas que socego! Aquillo não é repouso, nem melhora, nem symptoma de allivio. E' fraqueza, prostração ; é talvez... oh meu Deus!

ANTONIO

Amelia, você não estará, sem o querer, exagerando o estado della? (*De si para si*) Ella não exagera, não. Dalli a acabar-se ha um passo.

AMELIA

Antes fosse assim. Olhe, mano. Ha pouco voltou-lhe o terrível accesso, e quasi que a vi render-se ao mal.

ANTONIO

Porque não me chamou?

AMELIA

Você tem velado tanto estas ultimas noites que não me animei a privar-o de algumas horas

de repouso. Tenho medo, mano, que você venha também a adoecer.

ANTONIO

Que tinha que eu... adoecesse... e que morresse ?

AMELIA

Não diga isto. Pois isto é coisa que você diga ? !

ANTONIO

Digo, sim. Para que presto eu ?

AMELIA

Meu Deus ! Pois ainda seria pequena a dôr que nos trouxesse a morte de minha mãe ? ! Virgem Maria ! (*Chora.*)

ANTONIO

Tem razão, tem razão. Si eu também morresse, que seria de você, Amelia ? Pobre irmã ! Não chores. Tem paciência, como eu. Sê forte e crente, anjo infeliz. Enxuga estas lagrimas que me commovem e aterram, porque ellas se me afiguram o prenuncio de uma dôr immensa. Vem comigo. Vamos ver a mãisinha. Vamos.

SCENA V

Antonio, Amelia, Florinda

ANTONIO (*a Florinda*)

Alguma novidade ?

FLORINDA

Vm. não quer ver a doente ?

ANTONIO

E' o que eu ia fazer. (*Sahe pela esquerda. Amelia que o acompanhou até a porta, volta.*)

AMELIA

Como me custa ver minha mãe em tal estado !
Falta-me o animo. Ai, sinha Florinda ! (*Inclina a cabeça, chorando, sobre o hombro de Florinda*)
Minha mãe quasi arrancando, e eu... eu... oh !
quero desabafar-me. Si estas lagrimas não correrem com toda a liberdade, morrerei affogada, antes de minha mãe, pela dôr que as gera. Ellas talvez possam lavar a nodoa que tenho na face.

FLORINDA

Grande erro, moça, grande erro foi o seu !

AMELIA

Foi desgraça, foi destino. Você bem sabe... sabe tudo. Erros ha que trazem a felicidade; o meu é que me havia de trazer a desgraça! É' sorte minha. Para escutar a voz de meu amor, cerrei os ouvidos aos conselhos e os olhos aos exemplos daquella que me deu o ser e que do leito da morte, ainda hontem me dizia: « Não te deixes enganar pelas tentações do mundo, minha filha. Olha. O primeiropreço, o maior brilho da mulher é a sua pureza. » E eu esqueci estas palavras que minha mãe me tem dito tantas vezes, e deixei-me arrebatado pela paixão que me perdeu! Começo já a sentir as funestas consequencias de minha fragilidade criminosa. Por fatalidade é muito tarde já para que eu deixe de ser desgraçada. Ah, sinha Florinda. Como eu invejo a sorte de minha mãe, de minha mãe, que está quasi a expirar! (*Chora.*)

ANTONIO (*dentro*)

Sinha Florinda? Sinha Florinda? (*Amelia e Florinda encaminham-se para a esquerda. Batem de fóra. Amelia volta, enquanto Florinda desaparece.*)

AMELIA

Estão batendo. (*Encaminha-se para a porta do fundo*)



SCENA VI

Amelia, Julio

JULIO (*trazendo livros consigo*)

Amelia, tem passado bem ?

AMELIA

Ah ! era você ? Posso passar bem, Julio ?
Tenho tantos motivos de inquietação e desgosto...

JULIO

Como está sua mãe ?

AMELIA.

Peior, muito peior.

JULIO

O Ferreira ?

AMELIA

Está á cabeceira della. Quer que o vá chamar ?

JULIO

Ainda não.

AMELIA

Si soubesse como é grave o mal della !



JULIO

Ha de ficar boa, ha de ficar, para abençoar o laço que nos prende um ao outro—o nosso amor.

AMELIA

Só um laço nos prende, Julio; esse laço é o meu amor, o meu; porque eu não sei si você me tem amor; não sei.

JULIO

Não diga isso, Amelia. Muito mal julga de mim.

AMELIA

Que lhe hei de dizer? Como é que o devo julgar? (*Como de si para si*). Nem a razão, nem a justiça quer elle que estejam de meu lado quando comigo está a desgraça, que foi o presente com que me brindou!

JULIO

Amelia, você está louca!

AMELIA

Diz bem. Eu estou louca desde o momento em que consenti na minha desgraça irreparavel. Louca! Mas não vê que eu tenho sobeja razão de ter já enlouquecido!

JULIO

Não é tanto assim. Você sabe que eu não sou um villão.

AMELIA

O que eu sei— quer que lh'o diga ? — o que eu sei é que sou uma villã, indigna até do meu proprio desprezo, quanto mais do seu !

JULIO

Eu não a desprezo nem a desprezarei nunca.

AMELIA

Si me desprezasse matar-me-hia ; mas no seu desprezo não haveria sinão a punição de minha falta e um grande exemplo para aquellas infelizes cujo amor puro e santo não lhes permite ver a distancia que as separa dos seus algozes.

JULIO

Peço-lhe, por Deus, que não me compare com um algoz, Amelia. Os algozes não amam suas victimas.

AMELIA

Não estará dizendo coisas que não sente ? Eu não duvido de suas palavras ; mas.... E' que eu temo por mim e por você mesmo.

JULIO

Eu não trago uma mascara afivellada na face, Amelia. Voto-lhe, acredite nas minhas palavras, voto-lhe um amor cuja sinceridade não é menor do que a immensidade delle. Longe estaria eu daqui neste momento si lhe não consagrasse o amor que lhe digo. A promessa, que lhe fiz, de unir minha mão á sua para sagração exterior do laço que prende interiormente os nossos corações, essa promessa ha de cumprir-se, porque minha honra o exige e eu o quero. Não duvide de mim nem descreia de meus juramentos.

AMELIA

E seu padrinho ? Pensa que eu não sei que elle se oppõe á felicidade que você me assegura e espera realizar ?

JULIO

Não ha de acontecer o que elle talvez pensa, nem o que você receia. Eu não estou sujeito aos caprichos de ninguem. Meu padrinho, si julga que ha de levar a sua avante, enganá-se, e ha-de ter o desengano.

AMELIA (*com dôr*)

Tenha dó de mim, Julio. Sou uma desgraçada mulher (*chora*) Mas eu o amo tanto... tanto..!

JULIO (*pegando-lhe da mão*)

Você não é desgraçada; você é um anjo, anjo de bondade e belleza, anjo do céu enviado á terra para me ensinar o caminho da felicidade, para gozal-a comigo no mundo, para completal-a depois, sempre unida a mim, na mansão celestial. (*Batem á porta*) Entro para o quarto de sua mãe. (*Entra*).

SCENA VII

Amelia, Doutor, Antonio

DOUTOR (*a Amelia*)

Vejo em seus olhos indicios de lagrimas, minha senhora. Será possivel que sua mãe..... Creio que não chegou ainda o momento do transito final.

AMELIA

Ainda não, doutor. Mas vejo-a tão mal que já não me resta esperança de que ella se salve.

DOUTOR (*comsigo*)

Leio na physionomia della o arrependimento e o desespero. (*A Amelia*) Não está ahi o sr. Ferreira ?

AMELIA

Está á cabeceira da enferma. Permitta-me que o vá chamar. (*Dentro*) Mano, ahi está o doutor.

DOUTOR (*comsigo*)

Infeliz creatura ! Como a flôr a que o tufão arrebatou a delicada fragancia, perdeu ella o seu primeiro encanto, que nunca mais ha de voltar. (*A Antonio, que entra*) Então, meu amigo, como vai nossa doente ?

ANTONIO

Parece que seus dias estão já contados. Teve febre e delirio durante a noite ; ao amanhecer veio-lhe prostração mortal, depois inquietação. A febre sempre.

DOUTOR

Não se assuste com o que lhe vou dizer. Ella está mal. E' talvez um caso perdido.

ANTONIO

Vamos vel-a, doutor.

DOUTOR

Porque não ? Vim a isso.

ANTONIO

Desculpe-me tel-o mandado incommodar tão cedo.



DOUTOR

Ora, meu amigo. Em estarmos á disposição dos que padecem consiste a nossa vida, a vida do medico. Pena tenho eu de não poder poupar ao senhor tamanho golpe. Não ha maior neste mundo. Perder mãi ou pai é perder o summo bem da terra.

ANTONIO

Doutor ! Suas palavras aterram-me.

DOUTOR

E' preciso antes de tudo ter bem presente no pensamento que Deus é bom e immensa a sua misericordia.

SCENA VIII

Antonio, Doutor, Julio

JULIO (*sahindo do quarto*)

Sr. doutor.

DOUTOR (*correspondendo ao cumprimento*)

B. m dia. (*A Antonio*) Vamos vel-a. (*Logo que Antonio e o doutor desaparecem, apparece Florinda.*)



SCENA IX

Julio, Florinda

FLORINDA (*entrando*)

Coitadinha ! Duvido que se levante daquella.

JULIO

Cruel fatalidade pesa sobre esta familia, digna de melhor sorte.

FLORINDA

E ainda de mais a mais... a desgraça de sinha Amelia. Olhe, seu Julio. Condôa-se da pobre moça.

JULIO

E que pensa você de mim, sinha Florinda ? Acha-me capaz de ter neste negocio, ou em qualquer outro um procedimento indigno do homem que se preza ?

FLORINDA

Não quero dizer isto.

JULIO

Amelia ha de ser minha mulher. O que eu devo a ella hei de pagar-lhe com a minha mão. E a minha divida é tão grande que só do modo que



lhe digo poderá ficar de todo paga. Sou pobre, mas moço; não tenho meio de vida, mas trabalho não falta ao homem que não conta sinão comsigo para preencher os encargos da familia. Eu tenho ouvido dizer muitas vezes que no lar do pobre mais depressa se senta a felicidade, do que no lar do rico. Cuida que já não pensei na primavera que ha de encher a nossa casa de flôres e sorrisos? Amelia será a primeira rosa do meu jardim. Os filhos, que necessariamente terão de vir esses serão os jasmins, as madre-silvas, os lyrios, as violetas do nosso encantado élen. Diz a escriptura que Adão trabalhou depois de ser expulso do paraíso. Pois olhe, a mim acontecerá o contrario. O meu trabalho, visto que eu não tenho por mim outra providencia, é que me ha de dar mesa para mim, para Amelia, para os pequenos, e até para você si nos quizer fazer companhia. Elle é que me ha de dar o paraíso.

FLORINDA

Deixe-se de graças, moço.

JULIO

Estou fallando serio. Graça ha de você ver em nossa casinha. Ha de ser graça, riso, prazer por todos os cantos. Eu imagino para todos nós



uma estação só, uma estação que não será nem inverno, nem verão, nem outono, mas primavera sem fim, primavera eterna.

FLORINDA

Deus o oiça, seu Julio. Só assim ficarão pagas as lagrimas que sinha Amelia tem chorado por seu respeito (*indicando-o*).

JULIO

Diga-lhe que descance. O futuro virá provar que nem eu me engano a mim, nem estou enganando a ella.

FLORINDA

Permitta Deus que o senhor falle pela boca de um anjo. (*Pausa*) Dê-me licença, que tenho de levar um copo d'agua. (*Sahe pela direita emquanto José entra pela porta do fundo*).

SCENA X

Julio, José

JOSÉ

Oh ! Já está por aqui ?

JULIO (*que, indo a sahir, para, ao encontrar-se com José*)

D'onde vens tão cedo ?

JOSÉ

Fui chamar o doutor.

JULIO

Vadio! O doutor está aqui ha bem um quarto de hora, e tu agora é que chegas !

JOSÉ

Andei vendo si arranjava alguns cobres. (*Ingenualmente.*) Já vio hoje sinha Amelia? Ella tem chorado muito, muito.

JULIO

De que tem ella chorado tanto?

JOSÉ

De que?... Eu sei lá. (*Ingenualmente.*) Seu Julio, tem ahi um vintem que me dê?

JULIO

Para que queres vintem, José? Não te dei ainda hontem dinheiro?

JOSÉ

Deu, mas eu queria mais.

JULIO

Para que? Para botares fóra.

JOSÉ

Não senhor. Eu ia logo na carreira comprar um pão para comer. Hoje aqui ninguem almoça, ninguem.

JULIO

Póde ser isso que estás dizendo ? Mentiroso !

JOSÉ

Não estou mentindo, não. A doente não almoça porque ella já não come nada ; os que querem almoçar não tem o quê.

JULIO

Fallador ! Deixa-te de invenções.

JOSÉ

Não é invenção, seu Julio. Depois que a velha cahio doente, a gente tem passado muita fome, porque todo o dinheiro que seu Totonio apanha é pouco para gastar com ella.

JULIO (*comsigo*)

Oh meu Deus ! Nunca imaginei que fosse tamanha a pobreza desta casa.

JOSÉ

Não dá o vintem, não ?

JULIO (*dando-lhe dinheiro*)

Toma esta cedula.

JOSÉ

De quanto é? Eu não sei ler. Não conheço esses dinheiros grandes.

JULIO

E' uma cedula de dez mil réis. Vê bem que emprego lhe dás.

JOSÉ

Não quero cedula, não. Antes me dê cobre.

JULIO

Porque?

JOSÉ

Porque sinha Amelia, vendo este dinheiro em minha mão, pergunta logo onde foi que o achei; e si souber que foi vmc. que me deu elle, briga comigo.

JULIO

Pois não seja esta a duvida; ensino-te um meio de sahires perfeitamente do embarço. Sahe agora mesmo e volta daqui a pouco. Então lhe dirás que achaste o dinheiro na rua.

JOSÉ

E o senhor não conta nada a ella, não ?

JULIO

Que pergunta ? Faze o que te digo.

JOSÉ

Pois sim. Vou já em um pulo.

JULIO

Uma coisa te encommendo. Não entres antes de eu ter sahido.

JOSÉ

Deixe estar.

JULIO

Que esperas ? Vai logo.

JOSÉ

O senhor tambem sáia logo.

JULIO

Estou de caminho. (*José sahe pelo fundo*).

SCENA XI

Julio (*só*)

Quanta miseria, meu Deus ! Mas quanta resignação, quanta honra no meio d'essa miseria immensa !

SCENA XII

Julio , Antonio , Doutor

JULIO (*a Antonio*)

Que diz o doutor do estado de D. Marianna ?

ANTONIO (*o semblante abatido*)

Nenhuma esperança resta de salvação. Meu Deus! meu Deus!

JULIO

Tenha coragem, meu amigo.

ANTONIO

Hei de tel-a, que Deus não me hade desamparar. (*Pausa. Ouve-se soar um relógio*).JULIO (*vendo as horas no relógio que traz*).Só tenho um quarto de hora para chegar á Faculdade. (*Apertando a mão de Antonio.*) Até logo. Dentro em pouco estarei de volta por aqui. (*Sahe*).DOUTOR (*que se sentou a uma mesa para escrever*)Vamos vêr si com este remedio conseguimos applicar-lhe a inquietação. (*Pausa.*) Esse moço, que acaba de sahir, é seu amigo, sr. Ferreira ?

ANTONIO

Tenho-o n'esta conta.

DOUTOR (*escrevendo*)

Isto de amigos hoje ! Tem o que se lhe diga.

ANTONIO

Assim é, mas nem todos são falsos. Sabe de alguma coisa que desabone o dr. Julio ?

DOUTOR (*levantando-se*)

Eu não sou boa coisa, como se diz, sr. Ferreira ; sou desconfiado, exigente, rispido. Nunca me quiz casar. Si tivesse familia, não consentiria jámais que ninguem puzesse os pés em minha casa d'aquella porta para dentro (*indica a porta do fundo. José entra e desaparece pela esquerda.*) Não é que eu faça má idéa desta ou d'aquella determinada pessoa. Do que eu faço juizo desfavoravel é do tempo, é do ar pestilencial que respiramos, é da atmosphaera de corrupção que nos envolve a todos nós.

ANTONIO

Diz bem. E' assim mesmo.

DOUTOR

No meio da geral dissolução dos caracteres, aponta-se ainda um ou outro character puro. O senhor mesmo dá testemunho d'esta verdade.

ANTONIO

Obrigado, doutor.

DOUTOR

Quando se me depara algum d'esses caracteres privilegiados, sinto-me arrastado para elle por irresistivel magnetismo. O meu desejo é então identificar-me com a sorte d'aquelle que, sem o pensar talvez resiste, amparado pelos sentimentos e prendas naturaes, á epidemia universal. Si é pobre, tenho tentações de chegar-me a elle e dizer-lhe á puridade: « Aqui tens a minha carteira ; tira para ti o que encontrares ahi dentro ; serve-te d'estes escassos vintens como si te pertencessem todos, alma infeliz mas boa. » Si o que lhe falta é, não os meios pecuniarios, mas o socego do espirito, a felicidade moral, o meu desejo é offerecer-lhe o meu seio, dizendo-lhe: » Derrama aqui tuas lagrimas ; vasa metade das tuas afflicções e dôres neste seio amigo, morada de um coração puro como o teu, na qual nunca se hospedou o odio, o egoismo ou qualquer outro sentimento reprehensivel. Terás

em mim um amigo leal, um irmão dedicado, um pai. » E o mais é que eu podia ser seu pai, sr. Ferreira. Tenho idade para isso.

ANTONIO

Não tendo conhecido pai desde os primeiros annos, acceito com enthusiasmo a nova paternidade que me offerece, doutor.

DOUTOR

Sim, podia ser seu pai ; e já que a minha autoridade não lhe é desagradavel, não tenha por importunas as palavras que vai ouvir de mim. Sei que as não devêra ter aqui n'este momento grave, em que sua mãe está quasi agonizando ; mas não obstante importar isso augmento de afflicção ao afflicto, não serei eu, medico do corpo, que deixe de apontar-lhe a nova chaga que o senhor não sabe. Ella exige remedios promptos, e esses remedios posso eu tambem applical-os, como medico do espirito. Além disso, estou de viagem apparelhada por esses poucos dias para Europa ; e si não aproveitar os ultimos momentos para lhe revelar o segredo que guardo comigo ha algum tempo, o mal pôde aggravar-se ainda mais e ficar de todo irremediavel. Mais de uma vez tenho vindo aqui disposto a dizer-lhe tudo o'que sei,



tudo o que soube sem ter dado passos para isso ;
mas assim que entro, mudo de opinião.

ANTONIO

Porque? Porque? Já podia ter-me contado
tudo.

DOUTOR

Com que direito, com que autoridade entro
eu na vida domestica de outrem?

ANTONIO (*sorpreso*)

Na vida domestica!

DOUTOR (*cahindo em si*)

Ah! Trahi-me. Mas agora já não é tempo de
retroceder. Na vida domestica, sim senhor.

ANTONIO

Trata-se então de objecto muito grave!

DOUTOR

Hontem cheguei a pegar da penna para escre-
ver-lhe desse objecto gravissimo; mas atirei-a
depois para um lado, e assentei de me servir hoje
da palavra. Sabe o senhor que nem para todas
as acções da vida é a escriptura a tela mais apro-
priada; algumas ha que, por muito delicadas e



intrinsecas, ella as exprime pallidamente e não sem grande risco; para tratar de semelhantes acções é que parece ter sido dada ao homem a palavra, instrumento docil da sua vontade, cuja virtude principal consiste em poder ser brilhante e fugitivo ao mesmo tempo. Decidi-me por isso pella palavra.

ANTONIO

Doutor, Doutor, está preparando o meu espirito para receber um grande golpe, um golpe mortal?

DOUTOR

Eu conheço tambem o homem physiologicamente, sr. Ferreira. Duas dores igualmente grandes, quando se fazem sentir simultaneamente, não tem mais intensidade do que teria uma dellas, desacompanhada da outra; o golpe é duplo mas é uma só a impressão. E' por isso que, na presença do mal antigo me animo a fallar-lhe do novo mal, que descobri em sua casa. Perdôa minha intervenção indevida?

ANTONIO (*abalado*)

Não sei, doutor, a que se refere; mas seja qual fôr esse novo mal, só agradecimentos terei para o senhor por me ter inteirado d'elle.

DOUTOR (*atirando sobre a mesa a receita que tem na mão, e trazendo Antonio á bocca da scena*).

Haverá aqui alguem que nos possa ouvir?

ANTONIO

Não ha ninguem, póde fallar. (*Comsigo*). Que será isso, meu Deus ?

DOUTOR

De quem eu quero fallar-lhe, sr. Ferreira, é de sua irmã. Desculpe a franqueza por quem é.

ANTONIO (*sobresaltado*)

De minha irmã !

DOUTOR

Sou seu pai, e posso impor-lhe obediencia. Não se irrite, meu amigo, não se irrite que são sempre inconvenientes as explosões.

ANTONIO

Estou sereno; estou prompto a ouvil-o. Mas tenho pressa em saber o que ha.

DOUTOR

Coitadinha ! Não sabe o senhor que ella é uma victima ? Pois é, digo-lh'o eu com a maior dor de meu coração ! Pobre victima ! Tão boa, tão

innocente ! As mais das vezes, nas sociedades decadentes, é a ternura uma porta por onde entra a desgraça.

ANTONIO (*profundamente abalado*)

Que diz, doutor ?

DOUTOR

A verdade. Mas não é tudo. O peor é que foi vibrado o golpe fatal por mão de quem se diz amigo !

•
ANTONIO

Quererá referir-se ao dr. Julio ?

DOUTOR

Sim, sim; é a elle mesmo que me refiro.

ANTONIO (*arrebataadamente*)

Está enganado. O Julio não.

DOUTOR (*espantado*)

Enganado ! Eu enganado ?

ANTONIO

Não creia no que lhe disserem a semelhante respeito. Conheço tanto os sentimentos delle como os della. Amelia é um anjo, Julio é um homem de bem.

DOUTOR

O enganado és tu, alma candida, que em todos julgas ver irmãos tão puros como tu. Por todos os lados os demonios ameaçam devorar-te, e cuidas que estás cercado de cherubins.

ANTONIO

E' mentira, doutor, é mentira. O senhor não deve acreditar no que lhe disseram.

DOUTOR

E' mentira! Não devo acreditar no que me disseram! Mas ninguem me disse nada, senhor. O que lhe estou dizendo, li. (*com expressão.*)

ANTONIO

Leu? Onde? Ha de ser calumnia!

DOUTOR (*apresentando-lhe um bilhete aberto*)

Antes fôra. Infelizmente não é. Veja si conhece esta letra.

ANTONIO (*afirmando a vista*)

E' de Amelia!

DOUTOR (*com severidade*)

O vampiro sugou o mel da florinha porque o jardineiro se descuidou de a vigiar e proteger.

(*Cahindo em si.*) Desculpe-me, sr. Ferreira ; a desgraça não é minha, mas eu a tomo a mim. Tenho direito de exprobrar-o, porque o senhor acaba de consentir em que eu seja seu pai. Essa moça vem a ser minha filha.

ANTONIO (*commovido*)

Assim é, assim deve ser. Mas eu quero ler já, já esta carta.

DOUTOR

Aqui a tem. E' o seu corpo de delicto.

ANTONIO (*lendo tremulo o papel*)

« *Julio.* Depois da seducção o desprezo, em recompensa do meu amor, do meu maior sacrificio eu encontro a sua ingratição, o seu esquecimento. Estou rebaixada a meus proprios olhos por sua causa. De todos os cantos parece-me ouvir a voz de minha mãe e a de meu irmão amaldiçoando-me. Perece-me que elles me dizem : « Foge de nosso seio, que és indigna de nós. » Não me deixe neste cruel estado. Depois disso, só para o senhor posso viver.—*Amelia.* » (*Como fôra de si.*) Agora já não é possivel duvidar, doutor ; sou o mais infeliz dos homens, e elles dois são as mais despreziveis creaturas que o infortunio e a baixeza podiam reunir na terra.

DOUTOR

Não se encolerise; reprima sua paixão. As paixões tem mãos conselhos.

ANTONIO

Mas acha que eu posso ficar impassivel diante desta profunda desventura ?

DOUTOR

Sabe como me veio parar nas mãos esta carta ? Achei-a na escada logo depois de haver sahido o menino por quem o senhor me mandára chamar. Foi talvez a Providencia quem permittio que isso acontecesse.

ANTONIO

Que terrivel desengano, meu Deus !

DOUTOR

Não se deixe abater por este novo infortunio. Finja-se ignorante de tudo isso. E' da maior conveniencia que sua irmã não venha a saber nem uma palavra do que se passou entre nós.

ANTONIO (*com raiva entranhavel*)

Minha irmã ! Não a quero ver. Não me falle nella, doutor ! Não a quero ver mais nunca, porque ella infamou meu nome, minha honra, minha vida inteira !

SCENA XIII

Antonio, Doutor, Amelia, José

AMELIA (*correndo em pranto*)

Mano, mano, minha mãe está morrendo. Acuda, doutor!

ANTONIO (*profundamente abalado— consigo,— os olhos postos em Amelia*)

Desgraçada, eu te desprezo; mas tu me desarmas porque vens fallar em nome de minha mãe. (*Ao doutor.*) Doutor, salve minha mãe, salve minha pobre mãe.

DOCTOR (*passando a receita a José que entra*)

Este remedio já. (*José sahe correndo. A Antonio*) Vamos ver o que é possível fazer ainda por ella. (*Sahem pela esquerda*).

SCENA XIV

Amelia (*só*)

Não tenho coração para vel-a morrer. Não ha filha que possa assistir á morte de sua mãe sem desesperar, sem morrer talvez. (*Chora*).

ANTONIO (*dentro alto*)

Pobre de mim! Perdi minha mãisinha, perdi-a para sempre!

AMELIA

Que oiço, meu Deus! (*Para dentro*) Mano, mano? (*Corre à porta da esquerda.*)

SCENA XV

Antonio, Doutor, Amelia, Florinda

(*Rápida mutação scenica.— Aparece o quarto de Marianna. Cama pobre, raros moveis. Antonio chora inclinado sobre o cadaver. De um lado da cama Florinda, do outro o doutor.*)

ANTONIO

Minha mãe! Minha mãe!

AMELIA (*em grito*)

Mãe do meu coração! Oh, meu Deus! Eu vou enlouquecer! (*Vai a cair. O doutor ampara-a.*)

DOUTOR

Resigne-se, minha filha.

ANTONIO

Amelia, está tudo acabado, tudo. Ella exhalou entre os meus braços o derradeiro suspiro.

AMELIA (*fôra de si*)

Tudo acabado! Tudo acabado! Porque não me levas contigo, minha mãe? (*A Antonio*)

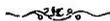
Mano, vamos tambem morrer com ella ? (*Deixa-se cahir sentada em uma cadeira com o rosto entre as mãos*).

DOUTOR (*trazendo Antonio pela mão á boca da scena*)

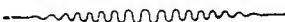
A resignação, sr. Ferreira, é o balsamo das dores moraes ; procure nella coragem e forças para resistir a este golpe immenso. E já que não nos foi possivel salvar sua mãe, tratemos agora de rehabilitar a honra de sua irmã.

FIM DO ACTO PRIMEIRO

ACTO SEGUNDO



A mesma vista do acto primeiro.



SCENA I

Antonio, Amelia

ANTONIO

Pergunta você com que havemos de pagar ao doutor? Com o que já lhe disse.

AMELIA

Oh! meu Deus! Que vergonha tenho de não podermos pagar dignamente a quem se tem mostrado tão bom para conosco!

ANTONIO

Que fazer, Amelia? O que eu desejo é, que o meu devedor não se demore. E' ridicula a quantia que elle tem de trazer-me, mas servirá sempre para augmentar a paga do doutor.

AMELIA

Si você pudesse tomar algum dinheiro por emprestimo, não seria melhor? A vizinha, que se diz tão nossa amiga, bem nos podia valer neste trance. Porque não vai você fallar a ella. Tenho



certeza que ella lhe dará com que remirmos a nossa necessidade... esta necessidade só, que é a que mais nos amofina.

ANTONIO

Conto eu acaso com alguma quantia extraordinaria para satisfazer semelhante emprestimo ? Não pedirei dinheiro a ninguem. Esse mesmo chegará para o doutor. Elle sabe que cada um dá o que tem. Elle nos desculpará. Deus me livre de fallar a D. Maria, Deus me livre de semelhante fraqueza. Você não conhece estas coisas. Olhe. Pedir dinheiro emprestado, ainda que seja a quem o póde dar sem constrangimento, é sempre triste e desairoso. Não ha credores generosos. Todos elles acreditam, sejam embora dos mais rasoaveis, que o devedor não paga suas dividas tão depressa quanto póde e deve. O que o não mostra no semblante, o traz com mal encoberto desagrado no coração; e por meios indirectos dá a entender aos devedores que as dividas lhe não esquecem.

AMELIA

Oh ! mano ! Como é triste a condição do pobre !

ANTONIO (*com intenção*)

Mas a nossa condição não é tão triste como



lhe parece, Amelia. Somos uns pobres bem procedidos Não é assim ?

AMELIA (*perturbada*)

E' verdade.

ANTONIO

A pobreza honrada é muito bem aceita a Deus. A verdadeira desgraça consiste, Amelia, não em padecer privações e dôres, mas em não cumprir os deveres que a religião e a moral impõem.

AMELIA

Acha você então que não somos desgraçados ?

ANTONIO

Certamente que não. Quero até dizer-lhe que si não fôra havermos perdido nossa mãe, nós nos devíamos ter por felizes e abastados porque ainda está comnosco, Deus louvado, o nôsso thesouro — nossa honra.

AMELIA (*confusa*)

Nossa honra ? Sim ; tem razão, mano.

ANTONIO (*com intenção*)

Teriam acaso encantos para você todas as grandezas e prazeres da vida, sem ella ? Teria você coragem para machucar sua virginal capella por um pouco de dinheiro ?

AMELIA (*vivamente*)

Não, não, mano. Pelo dinheiro nunca. (*Com-sigo*) Mas... pelo amor... oh! meu Deus! O amor tem um poder invencível que de tudo triumphá.

ANTONIO

Digo-lhe mais: felizes somos, minha irmã, ainda com o coração cheio de dôres e saudades, os olhos humedecidos de lagrimas; ainda cobertos do pêsado luto que nos põe constantemente diante dos olhos a lembrança de uma perda irreparável. A nossa felicidade consiste em não termos de que corar.

AMELIA (*corando*)

Ah! Sim. E' assim mesmo.

ANTONIO

Não nos vexemos com o doutor. Eu vejo nelle um pai que perdôa, protege e ama. (*Batem de fóra. Antonio abre a porta do fundo.*)

SCENA II

Antonio, Amelia, Azevedo

AZEVEDO (*entrando*)

Bom dia.

ANTONIO

Sr. Azevedo (*offerece-lhe uma cadeira*) Queira sentar-se. Dê-me o seu chapéo.

AZEVEDO (*recusando*)

Está bem aqui. (*Sentam-se*) Como me disse que hoje sem falta me daria aquelle dinheiro...

ANTONIO

É' verdade. Tive a leviandade de prometter o que eu não tinha a certeza de poder effectuar.

AZEVEDO

O senhor prometteu.

ANTONIO

Já lhe disse que prometti. Mas...

AZEVEDO

Já o sr. vem com *mas*. Estou enfadado de esperar e de vir à sua casa sem resultado.

ANTONIO

Não é por meu gosto que isto acontece. E posso assegurar-lhe que é o senhor o primeiro dos meus credores que já voltou uma vez de minha casa sem ser satisfeito. O senhor comprehende de certo que eu não manteria jámais por prazer uma situação que, como esta, profundamente me desagrada, primeiro a mim que ao senhor.

AZEVEDO

Ella é desagradavel principalmente a mim, sr. Ferreira, porque tenho o trabalho de vir à sua casa, e saio sempre com as mãos abanando.

Diz-me o senhor que não tem dinheiro. Mas que tenho eu com isso? O senhor deve-me 40\$000, e está na obrigação de pagar-m'os. Este é o facto.

ANTONIO

Neguei-lh'o eu já, senhor? Que quer que diga ou faça para provar-lhe que a minha boa vontade e o meu esforço ainda não bastaram a conseguir a quantia de que preciso para seu pagamento?

AZEVEDO

E' boa! Meu caro, quem não tem dinheiro não contrahe divida. E demais si o senhor via que não podia pagar-me, porque razão não mandou levar o seu defunto para o cemiterio no carro-da-caridade?

AMELIA (*comsigo*)

Que dureza de expressões! Que homem sem coração! (*sahe pela esquerda.*)

ANTONIO

Para tomar-me contas disso não vejo no senhor autoridade nem direito. Si fiz o que tão importunamente estranha, é porque vi que podia pagar-lhe a miseria do serviço.

AZEVEDO

A miseria—d'z o senhor. O certo é que por essa miseria não posso esperar mais, nem o senhor a pôde pagar ainda.

ANTONIO

Mas hei de poder amanhã, hoje mesmo, d'aqui a pouco talvez.

AZEVEDO

Pois olhe : os meus credores não têm comigo a minima contemplação. Dizem que os negocios estão pessimos, e por isso exigem elles, os taes credores, pagamento a tempo e a hora. Eu tambem não posso ter contemplação com os que me devem.

ANTONIO

Sr. Azevedo, quero dizer-lhe a ultima palavra. De presente não me é possivel honrar a minha assignatura, posta na lettra que o senhor tem em seu poder.

AZEVEDO (*levantando-se*)

Quer isto significar que ainda desta vez dei a minha viagem de balde ?

ANTONIO

Eu não havia de ir furtar, senhor, para impedir que isso acontecesse.

AZEVEDO

Pois o que eu lhe posso dizer é que não pagar equivale a... furtar.

ANTONIO (*com energia*).

Sr. Azevedo, o seu direito de cobrar sua divida não comprehende o de insultar-me.

AZEVEDO

Quererá dizer que não são verdadeiros ladrões os que não pagam os seus debitos no tempo promettido?

ANTONIO

Não são ladrões os que deixam de pagar no prazo dado por motivos independentes de sua vontade ; ladrões são os que roubam o socego do homem de bem e perturbam com a sombra de uma humilhação a consciencia limpa e pura. Estes, sim, são ladrões despreziveis, abominaveis.

AMELIA (*voltando*)

Mano, veja si o senhor quer acceitar estas joias em pagamento da divida. (*Põe diferentes joias nas mãos de Antonio*).

ANTONIO

Não, não. Eu heide pagar, eu heide pagar tudo de modo que satisfaça.

AMELIA

Mas é que eu tenho prazer nisso, tenho.

AZEVEDO (*com desdem*)

Prazer em que? Em pagar-me com isso?

AMELIA

São joias de algum preço, senhor. E' a minha riqueza. Mas o senhor as pode levar todas. Não me fica nenhuma; fica-me porém a satisfação de ter ajudado meu irmão a pagar uma divida sagrada. Não quer?

AZEVEDO (*a Amelia*)

Ora, minha senhora. Tenho o direito de receber dinheiro, e não joias de tão diminuto valor. (*A Antonio*). Sei o que devo fazer. Quando o beleguim lhe bater à porta, o dinheiro ha de apparecer.. (*Sahe arrebatadamente*).

ANTONIO

Proceda como quizer. (*A Amelia*); Tome. Guarde os seus ouros, Amelia.

AMELIA

Deixal-o ir, deixal-o fazer o que lhe parecer. Onde está Deus para não vir em nosso soccorro? Pois elle ha de ser menos por nós do que por aquelle homem que só tem falta do coração? Não ha de ser assim. Não se afflija, mano. Deus ha de velar por nós (*Sahe*).

SCENA III

ANTONIO (*só*)

Affligir-me porque? Elle não comprehende a grandeza de uma dignidade traspassada por uma

grande dôr. Não adivinha aquelle espirito que eu daria todos os thesouros da terra para poupar-me esta cruel humilhação! (*Batem*).

SCENA IV

Antonio, Doutor

DOUTOR (*entrando*)

Meu amigo, estava falando de si para si? De fóra ouvi o seu monologo. Quer confirmar esta maxima de um philosopho antigo: « O homem nunca está menos só do que quando está só ? »

ANTONIO

O philosopho antigo tinha razão, doutor. E' quando está desacompanhado que o homem ouve as vozes de todas as dôres, saudades e miserias que o cercam.

DOUTOR

Pois foi para que se calassem as suas dôres e saudades que tomei a deliberação de entrar. Ao monologo substitue-se agora o dialogo. Prati-quemos um pouco das cousas da vida, emquanto passa a força do sol, que está hoje ardentissimo. Como vai sua irmã?

ANTONIO

Um pouco mais resignada e crente. Com as palavras do doutor entra o conforto no coração de todo aquelle que as escuta.

DOUTOR

E' porque eu, quando estudei nos compendios para ser medico do corpo, estudei tambem na biblia para ser medico do espirito.

ANTONIO

Suas palavras bem o indicam. Não tenho lembrança de haver jamais ouvido de ninguem expressões nem visto obras tão consoladoras e edificativas.

DOUTOR

O senhor está olhando para mim com os grandes olhos do coração, sempre exagerado.

ANTONIO

Não ha aqui lisonja. Sua bondade é manifesta a todas as vistas. E' por isso que eu o admiro. Em meu fraco entender quanto mais o homem se approxima da humanidade mais se approxima tambem de Deus. Desculpe-me si estou em erro.

DOUTOR

Só está em erro, no que se refere a mim. No mais ha muito ao contrario, em suas idéas e conceitos pura e sã philosophia que me impressiona agradavelmente.

ANTONIO

Tambem tenho lido e estudado. Cheguei a frequentar os dois primeiros annos da Academia.

DOUTOR

Ah! E porque não completou seus estudos?

ANTONIO

Faltaram-me os meios. Para viver foi-me preciso seguir uma arte qualquer; escolhi a arte typographica. Nem por isso desesperei.

DOUTOR (*commovido*)

O senhor elevou-se por seu trabalho e resignação como o verdadeiro homem de bem. Seu exemplo é uma lição de moral sublime e santa. Por esta forma só procedem os espiritos crentes.

ANTONIO

Estimei muito que o doutor apparecesse por esta sua casa. Mas custa-me tanto entrar no assumpto sobre o qual desejava falar-lhe!

DOUTOR

Deixe os escrupulos para outra occasião. Diga sem rebuço o que ha.

ANTONIO

Tenho feito os maiores esforços afim de conseguir meios....; tudo, porém, têm sido em pura perda. Parece que a Providencia me esqueceu por uma vez, e que o maior desamparo me espera.

DOUTOR

Não diga isso, meu amigo. Deus tarda mas não falta. Sua misericordia chega sempre no

momento de maior aperto. Este momento não somos nós os habilitados a conhecê-lo; é o proprio Deus. Muitas vezes julgamos estar no derradeiro degrão do infortunio, quando apenas havemos transposto alguns degrãos da sua longa escada. Lá em cima, no ultimo delles está o Omnipotente para dar-nos a mão e amparar-nos com a sua misericordia. Dessas alturas vemos os abysmos, e acima de nossas cabeças luz, serenidade, e alegria que nos encanta.

ANTONIO

Não posso acreditar que esse estado de bema-venturança chegue para mim. Sou um desgraçado, doutor. Si não fôra sua mão paternal, eu já teria buscado no suicidio o termo do meu fardario. A pobreza é cruel. Só me tem faltado enlouquecer.

DOUTOR

Porque razão, sr. Ferreira? Que lhe falta? Dinheiro? Temos algum nesta carteira (*offerece dinheiro a Antonio*). Não é na primavera, mas no inverno da sorte que se devem mostrar os amigos. Aqui fica á sua disposição esta quantia que me está pesando no bolso (*depõe o dinheiro sobre a mesa*).

ANTONIO (*restituindo-lhe as notas*)

Perdão, doutor ; o senhor não me compreendeu. Do que me lamento é de não ter com que pagar dignamente o que lhe devo.

DOUTOR

O que deve a quem ?

ANTONIO

Ao senhor.

DOUTOR (*espantado*)

A mim ?! (*De si para si*) E' admiravel este homem.

ANTONIO

A sorte, porém, não foi desta vez de todo má para mim. (*Abre a gaveta e della tira algumas notas com que se encaminha para o doutor*). Queira acceitar esta ridicula quantia, não como paga do seu trabalho para o qual não ha preço, mas como indicio do muito que lhe devo pelo coração.

DOUTOR (*recusando*)

Não se engane comigo, sr. Ferreira. Não pertenço ao numero dos medicos que augmentam as visitas para terem direito a maior paga ; pertenço ao numero dos que , comprehendendo melhor a nobre missão do medico, são levados á casa dos enfermos especialmente pelo intuito de

minorarem uma dôr e enxugarem um pranto. Sou pobre e não aspiro a tornar-me rico. Para mim a paga tem logar muito secundario em minha profissão. Recebo-a de quem a pôde dar sem sacrificio; a alguns, além de lhes prestar o meus fracos serviços, abro-lhes com o meu coração a minha magra bolsa. O senhor não me deve nada. Guarde o seu dinheiro para maior necessidade. Veja que pôde vir a chamar algum dos medicos que têm por farol, não a caridade, cuja luz é eterna, mas o ouro que brilha e se extingue de momento a momento, como o fogo fatuo dos esterquilinios.

ANTONIO (*como insistindo*)

Doutor, não me faça isso, por quem é. Oh não ! não !

DOUTOR

Guarde o seu dinheiro, como lhe digo, sr. Ferreira; basta-me a paga do seu gentil coração. Graças á Providencia, tenho ainda nesta carteira com que passar o dia de hoje; com o dia d'amanhã não occupo o meu pensamento, não obstante dispôr a philosophia humana que o homem deve ter um dos olhos fixo no passado e o outro no futuro. Em semelhantes assumptos muito mais me agrada seguir a philosophia do Evangelho que

dispõe : « Não andeis inquietos pelo dia de amanhã, porque elle trará a si mesmo seu cuidado (*) » Mudemos de assumpto. Lembra-lhe ainda a nossa conversação do outro dia? Pôz por obra as minhas recommendações? Foi só saber isso o que me trouxe aqui.

ANTONIO (*pondo o dinheiro sobre a meza*)

Fiz tudo quanto o doutor indicou. Mas não pôde imaginar quanto me custa mostrar na face a serenidade, quando tenho no coração tempestades destruidoras, occultar a dôr intensa, quando essa dôr domina e enche todo o meu ser como uma chamma immensa que só a reabilitação da culpada poderá apagar de todo. Doutor, é preciso acabar com esse martyrio atroz, acabar quanto antes. Já não posso supportar a angustia silenciosa, o soffrimento velado que me traz consumido instante a instante, roubando-me horas inteiras ao trabalho e ao somno. Si o senhor não se oppõe ao meu intento, irei procurar hoje o homem que veio deixar em minha casa a desgraça e o opprobrio ; irei dizer-lhe que sei tudo ; obrigar-o-hei a reparar o mal como um cavalheiro, ou afogal-o-hei no seu proprio sangue, como se faz aos covardes que só

(1) S. MATH. cap. VI, vers. 34.

no silencio e nas trevas se animam a pôr mãos profanas no sanctuario da familia.

DOUTOR

E' justa a sua inquietação, e natural a sua dôr. Pensa que não soffro, que não tenho soffrido muito com isso! Oh si tenho! Mas sejamos martyres por mais algum tempo no proprio interesse da causa que temos em mãos. Qualquer indiscrição, qualquer desacerto poderia dar em terra com o edificio custosamente erguido por nossos esforços. Como lhe disse, chegou do norte o padrinho do Julio, sabe Deus com que intenções, é facil avaliar quaes ellas sejam. Buscarei entender-me com elle sobre o nosso caso, e é de esperar que acceda á natural reparação do damno causado pelo afillhado. Tudo se ha de arranjar pacifica e satisfactoriamente, meu amigo. De modo disporei as coisas, que não seja outro o resultado.

ANTONIO

Doutor, doutor, já não estou em mim. Convi-ver sorrindo com a culpa não é coisa que se compadeça com o meu natural.

DOUTOR

Talvez dentro de pouco tempo tenha de lhe vir annunciar o desejado desenlace. Continue

a ser prudente (*Para sahir*). E adeus. Até breve. (*Sahe*).

ANTONIO (*só*)

Oh! Si não fôra esse homem, o que seria de mim? Elle tem sido o meu anjo tutellar. Agora mesmo, renunciando a paga dos seus serviços, habilita-me a libertar-me de uma obrigação que me traz de rastos, a face coberta de vergonha, o espirito abatido e humilhado. Só Deus sabe quanto agradeço a tua generosidade, dr. Pereira. Vou já, já resgatar do poder desse credor grosseiro e vil a obrigação que a elle me prende como o laço prende a victima ao poste infamante. Eu te agradeço do coração, oh meu Deus, eu te agradeço. (*Pega do dinheiro que offerecêra ao doutor e que deixára sobre a mesa, e entra para a alcova, á esquerda*).

SCENA V

Amelia, (*entrando da direita*)

Mano sahio com o doutor. Naturalmente foi ver si achava algum dinheiro para pagar ao homem do carro funebre. Que pena tenho de meu irmão! Foi tão bom para minha mãe, é tão bom para mim! Si se fizesse esse casamento, elle descansava. (*Chega á porta do fundo, abre um dos postigos, e olha para um e outro lado da rua*).

Já se encobrio. (*Vem sentar-se ao pé da mesa, tira um bilhete do bolso e lê:*) « Grande novidade tenho que lhe dizer. Espere por mim, que já lá chego. Adeus.—*Julio.* » Que novidade será essa? Permitta Deus que não seja alguma nova desgraça. Triste presentimento põe-me em sobresalto o coração. Que será de mim, si Deus não tomar a si a minha causa? (*Batem á porta.*)

JULIO (*fôra*)

Amelia?

AMELIA (*correndo a abrir a porta*)

Aqui está elle.

SCENA VI

Amelia, Julio.

JULIO (*abrãçando-a*)

Amelia, vejo-a enfim depois de tantos dias. Quanto me considero feliz neste momento!

AMELIA

Que grande ausencia, Julio! Depois que minha mãe morreu é esta a primeira vez que nos vemos. Não sabe quanto padeci em silencio durante todo esse tempo! Ondese metteu você que nem José o pôde descobrir? Sinha Florinda levava horas na janella para ver si você passava. Coitada de

sinha Florinda ! Chorou tanto quando se separou de nós !

JULIO

E ella foi-se embora ?

AMELIA

Foi-se embora. Mano a despedio por não poder mais pagar-lhe a mensalidade. Mas conte-me: que demora foi essa ?

JULIO

Oh ! nem você imagina o que é, Amelia.

AMELIA

Esteve fóra ? Esteve doente ?

JULIO

Peior do que isso. Meu padrinho chegou, e carregou comigo para Santo-Amaro-de-Jaboatão, d'onde não tive por quem mandasse trazer aqui ainda que fosse um bilhete.

AMELIA

Vejo que as coisas se complicam.

JULIO

Amelia, não desanime. Tenha fé em Deus que elle nos ha de proteger. Nossa causa é tão justa

que só podemos esperar delle o auxilio com que sabe acudir aos bons.

AMELIA

Mas seu padrinho é tão deshumano.

JULIO

E' verdade que elle se oppõe com todas as forças ao nosso casamento; mas não se importe você com isso. Minha consciencia, meu esforço, meu amor vencerá tudo.

AMELIA

Tenho medo que se possa enganar, Julio. Seu padrinho é por assim dizer seu pai; e você bem pôde avaliar a força e o poder de um pai. Oh! meu Deus! Que triste sina a minha!

JULIO

Não me falle assim, não me falle assim, Amelia. Olhe. Para corresponder dignamente a sua dedicação e a seu sacrificio, sou capaz de commetter impossiveis.

AMELIA

Quer saber a que estou reduzida depois da minha fraqueza, para não dizer depois da minha loucura? A pôr os olhos no chão quando se me diz que a mulher pura os deve trazer bem erguidos ao alto; a corar de vergonha e remorso quando meu irmão me lembra as lições e os conselhos de minha



mãe, lições e conselhos que eu desprezei, como só os desprezam filhas ingratas; a ter noite fechada dentro do coração quando ha luz e sorrisos como agora na face da natureza. Tenho chorado tantas lagrimas amargas, tenho curtido em segredo tão acerbos agonias, oh tantas!

JULIO

Acredito em tudo o que me conta, e sinto que toda a culpa está de meu lado. Mas nem por isso me queira mal. Seu odio ou seu desprezo seria hoje a mais dura morte para mim.

AMELIA

Do coração da mulher não sahe nunca a imagem daquelle que já teve culto nesse altar. Só um de nós é digno de desprezo; sou eu. Toda a culpa deste mal é minha, minha só, Julio. Eu devia ter visto, antes de cahir, o abysmo que existe entre o pobre e o rico, abysmo tão fundo que nem o amor com toda a sua immensidade o póde encher.

JULIO

Amelia, Amelia, você hallucina-me com suas palavras. Sinto o coração despedaçar-se e o espirito submergir-se em trevas que me aterram. Que vim eu aqui ver, meu Deus, antes de ter na mão o remedio para este grande mal? (*A's ultimas*



palavras, Antonio que apparece vestido para sahir, ao dar com os olhos nos dois, pára como passado de uma impressão intensa e violenta. Dá mostras de querer avançar e retroceder ao mesmo tempo. Tudo nelle revella uma luta intima e profunda. Adianta-se emfim.)

SCENA VII

Julio, Amelia, Antonio

ANTONIO (*comsigo*)

Isto é demais. Já não me é possível refrear, diante desta scena infame, a minha indignação. (*A Julio*). Então, então, senhor? (*A ambos*) Que é isto? Que quer isto dizer? Pensam que não ouvi tudo?

AMELIA (*apavorada*)

Ah! Mano estava em casa? (*Afasta-se confusa e abatida*).

ANTONIO (*a Julio*)

Acabo de escutar a declaração de um delicto do qual já tenho a prova nas minhas mãos. O senhor abusou da confiança de um amigo sincero, abusou dos affectos generosos e da bôa fé infantil de uma candida menina e... sacrificou-a cruelmente.

JULIO

Fale, que tem toda a razão.

ANTONIO

A moral de seu padrinho ensina ao senhor este modo de proceder? Os homens que como elle fazem consistir a virtude, a honra, a gloria no ouro, não podem ter nem ensinar moral diferente desta. E a desgraça maior é que esses homens, que são os maiores villões da terra, sejam havidos por primeiros nas mais altas rodas. Novo mundo, novos principios. O amigo na actualidade tem garras de milhafre; a virgem tem coração de réptil; o pai, ou quem o representa, tem na consciencia o espirito das trevas. Por toda a parte o desfaçamento, a villania, a des-honra, o crime. Só falta preencher-se uma condição para que esteja completo este repugnante quadro; é que os pais mercadejem a honra das proprias filhas, porque si ainda não vendem as mãos dos filhos ás mulheres impuras, é porque as mulheres impuras são pobres.

JULIO

Quanto sarcasmo e azedume, Antonio!

ANTONIO

Mas em todos os tempos, defronte do ricaço avarento e desprezível que só aspira á riqueza, apparece para contraste o artista probo que não tem a honra para a passar com a mão esquerda

áquelle que mais lhe encher de dinheiro a mão direita.

JULIO

Assim é felizmente.

ANTONIO

Pois bem, senhor. Aqui está o artista (*põe a mão nos peitos*) ; ahí está o representante do ricoço ignóbil (*indica Julio*). Para a mulher infeliz (*indica Amelia*) ha dois remedios unicos. Escolha o senhor um dos dois sem hesitação. Ou o senhor casa, ou o senhor morre.

JULIO

Não era preciso que o senhor expressasse esse dilemma indigno para que eu me decidisse pelo meu dever. Caso com Amelia.

ANTONIO

Quando ?

JULIO

O senhor o dirá.

ANTONIO (*com firmeza*)

Casa já, já. Vou buscar o padre agora mesmo. O senhor fugirá na minha ausencia ?

JULIO

Não; esperarei. Por menos que o pareça, posso-lhe assegurar que eu sou um homem de brio. As



paixões, sim, essas são infames e fataes. A ellas devo eu o faltar-me agora o senhor com a justiça a que tenho direito. Venha a si, meu amigo.

ANTONIO

Não sou seu amigo. O senhor é indigno da amizade de um homem de bem. Seu amigo fui mas já o não. Eu o odeio. Pode alguém ser amigo do miseravel que deshonrou sua casa ?

AMELIA

Que transe, meu Deus ! Ah ! minha mãe ! Deus se lembrou de ti ! Isto importa mais que morrer. *(Chora)*

ANTONIO

Eu vou, o senhor fica. Dentro de pouco tempo estarei de volta. Será então occasião de saber-se si se pode ser criminoso sem ser infame. *(Quando abre a porta do fundo dá com Anselmo).*

SCENA VIII

Antonio, Julio, Amelia, Anselmo

ANSELMO

O sr. Antonio Ferreira ?

ANTONIO

Que quer ? E' com elle que está fallando.



ANSELMO

Peço-lhe desculpe de fazer a minha obrigação. Venho aqui com este requerimento, da parte do sr. Manoel de Salles Azevedo.

ANTONIO

Que quer isso dizer?

ANSELMO

E' uma intimação para v. s. comparecer na primeira audiencia do juiz de paz do districto.

JULIO (*passeiando pela sala*)

Si eu tivesse sabido disso a tempo, ter-lhe-hia poupado este novo dissabor. Pobre Antonio!

AMELIA (*envergonhada*)

Meu Deus!

ANTONIO (*confuso*)

O sr. Azevedo atreveu-se...

ANSELMO

Não conhece o sr. Azevedo? Elle tem um estabelecimento de carros funebres no Pateo-do-terço.

ANTONIO

Compreendo agora. Que lhe resta?

SCENA IX

Julio, Antonio, Amelia, Anselmo, Doutor

DOUTOR (*entrando*)

Resta-lhe sahir. (*A Anselmo*) Retire-se.

ANTONIO

O doutor!

AMELIA (*de parte*)

Ainda mais uma testemunha de nossa desgraça,
meu Deus! (*Anselmo sáhe*)

DOUTOR (*particularmente a Antonio*)

Aqui tem sua obrigação. Acabo de estar com
o Azevedo a cuja casa fui chamado para ver um
doente, e sem o querer, vim a saber tudo. Elle
já não é seu credor.

ANTONIO

Que quer dizer, doutor?

DOUTOR

Não fallemos mais nisso. (*A Julio*) Desculpe a
minha descortezia. Entrei tão distrahido que só
agora vejo o senhor (*Julio*) e a senhora (*Amelia*).
E como tenho ainda que fazer, peço-lhes licença
para retirar-me.

ANTONIO

Peço-lhe que fique, doutor. Tenho uma triste
historia que lhe contar.

AMELIA (*correndo para Antonio e deixando cohir a cabeça sobre o peito d'elle*).

Mano, não diga, não. Não queira acabar de matar-me de vergonha. (*Esconde o rosto e chora*).

DOUTOR (*de si para si, os olhos postos em Amelia*)

Anjo, para que te revolveste nos paões da terra? Para que encharcaste no crime as tuas candidas asas, cysne gentil e namorado? (*Um instante de profundo e solemne silencio*).

SCENA X

Antonio, Julio, Amelia, Doutor, Jeronymo

JERONYMO (*do lado de fóra, pondo a cabeça para dentro do postigo*) Aqui é que mora um compositor ou typographo conhecido por Antonio Pereira ou Ferreira?

ANTONIO (*approximando-se*)

Mora aqui um typographo chamado Antonio Ferreira, que é a pessoa com quem o senhor está fallando. Tenha a bondade de dizer o que pretende.

JERONYMO

Quero entrar.

JULIO (*confuso*)

E' meu padrinho. (*Antonio abre a porta*)

JERONYMO (*sem se descobrir*)

Estará por aqui o meu afilhado Julio ?

ANTONIO

Alli o tem.

JERONYMO (*a Julio*)

Está muito bonito ! O senhor poz em seu peito contrariar as minhas ordens. Aproveitando-se de minha ausencia, metteu terra em meio, e veio pôr aqui as cargas abaixo. Pegue no chapéo e acompanhe-me. Olhe para si, e veja si posso consentir que o senhor se demore aqui por mais tempo.

ANTONIO (*adiantando-se*)

Senhor, a honra de o termos pela primeira vez em nossa casa não compensa o insulto que acaba de dirigir-nos. O senhor talvez sinta remorso desta injustiça quando souber que neste modesto lar sempre se respeitou a dignidade alheia para que fosse tambem respeitada a propria dignidade delle.

JERONYMO (*com desdem*)

O senhor sabe muito respeitar a sua dignidade! Chama os filhos-familia a sua casa para ver si os alaparda. Pois está mal enganado. O meu não péga.

JULIO

Meu padrinho, isto é a maior das injustiças.

JERONYMO

Ainda me vens falar, atrevido ?

ANTONIO (*a Jeronymo*)

Vejo que sua ousadia é maior do que sua ignorancia.

DOUTOR (*a Antonio*)

Meu amigo, tomo a mim a sua causa (*A Jeronymo*) Póde levar comsigo o seu pupillo.

ANTONIO (*supereexcitado*)

Mas este homem só merece desprezo.

JERONYMO (*alçando o chapéo de sol para dar em Antonio*)

Farroupilha, não sei onde estou que não te quebro !

JULIO

Meu padrinho, attenda...

JERONYMO

Tens o desaforo de te metter comigo, desavergonhado ?

AMELIA (*ao doutor*)

Doutor, ponha um termo a isso. Oh ! meu Deus, que escandalo !

ANTONIO (*a Jeronymo*)

Já de minha casa para fóra, miseravel!

JERONYMO (*novo gesto de offender com o chapéo de sol a Antonio*)

Miseravel!

DOCTOR (*de permeio—a Jeronymo*)

Com sua retirada, senhor, fará grande serviço a nós e a si proprio.

JERONYMO

São já. (*A Julio*) Ainda estás aqui, olhando para a boa *peça* com pena de a deixares? Pois eu te ensinarei o caminho da porta. (*Empurra-o para o fundo*).

ANTONIO (*atravessando-se*)

Elle não. Não ha de sahir sem primeiro pagar o que deve.

DOCTOR (*a Antonio*)

Meu amigo, responsabiliso-me pelo pagamento da divida.

JERONYMO (*ingenuamente*)

E deve elle aqui alguma cousa? (*A Antonio*)
Mande receber.

ANTONIO (*com força*)

Nem mais uma palavra!

JERONYMO

Este bigorriha, ou mais hoje, ou mais amanhã
ha de pagar-me. (*Sahe com Julio*)

SCENA XI

Antonio, Amelia, Doutor

AMELIA (*a Antonio ingenuamente*)

E eu fico assim, mano? Oh, meu Deus! Quanto
sou infeliz. Só me resta chorar. (*Chora*)

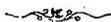
DOUTOR (*a Amelia*)

Chore, chore, minha filha. « Bemaventurados
são os que choram, porque elles serão consola-
dos. » (*)

FIM DO ACTO SEGUNDO

(*) S. Math. cap. V vers. 5.

ACTO TERCEIRO



Ao fundo tres janellas envidraçadas, atravez das quaes se veem sobrados e ruas do lado de fóra — Portas á esquerda, que dão para aposentos. — Uma porta á direita, que vai ter no corredor. — Estantes com livros. — Bahûs pela scena, malêtas, bolsas-de viagem — É dia.



SCENA I

Jeronymo, Victor, Um moleque.

(*Ao levantar do panno, Victor e um moleque arrumam nos bahús e malas roupas, livros, papeis, etc.*)

JERONYMO (*a Victor*)

Douço, doudo varrido o rapazóla! Estou fumando com seus despropositos. Dize lá, dize lá tu, que estás sempre prompto a aparar seus disparates, dize lá si cabe no possivel tamanha loucura. Que moço nas condições de Julio, a não estar de juizo virado, se engraçaria de uma pobréa que só tem de seu o dia e a noite, um irmão typographo e. quanto á familia, vão lá lhe buscar os troncos? Passa fóra! Poeta d'agua doce, que não sabes onde tens os narizes. Tem feito cousas de morte-paixão. Vão ver que está a esta hora atolado na casa do typographo. Mas hei de o pôr tonto. Por esta é que elle não espera. Quando souber da coisa, então é que ha de espernear o meu bonequinho. Que dizes, Victor?

VICTOR

Eu não sei, não senhor.

JERONYMO

Anda lá, meu parteiro, anda lá, bem te conheço. Sempre prompto a desculpar-me o rapaz. Que dizes da tal theoria que reprova o casar por dinheiro? E esses *poeticos*, esses *philosophicos* não passam de uns tolos. Mas por fortuna cheguei ainda a tempo de o deixar vendo as estrellas. O vapor parte ás quatro horas, e a essa hora tudo estará acabado. (*Pausa*) E' um anno de empate nos estudos, mas vá que seja. O rapaz já está muito taludo, mas inda é moço, e a perda de um anno não fará grande differença na sua carreira. Que dizes, Victor?

VICTOR

Não entendo d'estas coisas, não senhor.

JERONYMO

Estás te fazendo de boas. Mas (*prestando attenção*) ouço pisadas na escada. Ha de ser o meu bello poeta d'agua doce.

SCENA II

Jeronymo, Victor, Julio

JULIO (*de si para si*)

Que quererá indicar esta arrumação?

JERONYMO (*a Julio*)

Não haverá mais algum bahú lá pelo seu quarto?

JULIO

Ha os meus (*Reparando em alguns dos que estão em scena*) Mas vejo que estão todos aqui. Poderei saber para onde é que nos mudamos?

JERONYMO

Não se assuste. Embarcamos hoje para o Ceará.

JULIO

Que quer dizer isso? Para o Ceará!

JERONYMO (*de si para si*)

Olhem, que espanto! (*A Julio*) O senhor precisa de tomar novos ares, e os do sertão do Ceará não tem superiores em parte nenhuma.

JULIO

Nunca precisei menos de mudar de ares. Sinto-me forte e sadio.

JERONYMO

Eu sou melhor medico do senhor do que o senhor mesmo.

JULIO

Mas que doença tenho eu, meu padrinho?

JERONYMO

Que doença tem? Vejam-lhe só a innocencia!... Está com o juizo virado. Acha que haverá maior doença, do que esta? E' peor do que lepra ou mal-triste.

JULIO (*despeitado*)

Que loucura!

JERONYMO

Hem! Diga outra vez. Repita a palavra.

JULIO (*mais em si*)

Mas não vê que vou perder um anno sem necessidade, quando podia formar-me em dezembro?

JERONYMO

Forma-se no anno que vem. O mundo formou-se em seis dias; o senhor virá a formar-se em seis annos. O senhor, que já é uma obra mais perfeita do que o mundo, ficará sendo a primeira perfeição do universo.

JULIO

Meu padrinho, acho que lhe devo ser franco. Si resolveu fazer esta viagem com o fim de impedir o meu casamento com Amelia, asseguro-lhe que perde seu tempo. Vivo hoje só por ella e para ella.

JERONYMO (*com raiva*)

Não me fale, não me fale.

JULIO

Bem vejo que ella não tem fortuna nem familia. Mas considerando que não é a fortuna ou uma ascendencia illustre o que traz com a mulher a felicidade para o lar domestico, estou no accôrdo de casar com ella, ainda que para isso me seja preciso sacrificar a minha carreira, o meu futuro, a minha propria vida.

JERONYMO

Que está dizendo !

JULIO

Além disso...

JERONYMO

Além disso... Acabe o que ia dizer.

JULIO

A ella devo o que só lhe poderei pagar casando com ella.

JERONYMO (*comprehendendo a verdade*)

Oh desalmado ! (*Commovido*). Julio, meu filho, com quem aprendeste lições tão baixas e vis? Cada vez te desconheço mais.

JULIO

O amor leva o homem a praticar indignidades e até crimes.

JERONYMO

Está muito bonito isso ! Era só o que me faltava saber para completar o meu desgosto ! Desgraçar aquella pobre, que vai ficar ahi ao desamparo.

JULIO

Vai ficar ao desamparo, não senhor. Onde estou eu ?

JERONYMO

O senhor está com um pé no vapor. Sua mão já não lhe pertence.

JULIO

Mas a quem pertence, a quem, meu padrinho ?

JERONYMO

Não se afervente; a seu tempo ha de saber. O casamento está contractado por mim. Emfim...

JULIO

E a minha palavra ?

JERONYMO

Que tenho eu com sua palavra ? Tudo tenho com a minha, com a do senhor nada. Está ouvindo ?

JULIO

Mas isso não é possível. Si se realizasse o que vm. projecta, eu sentiria remorsos durante toda a vida.

JERONYMO

Remorsos! Elles que sirvam de castigo a seu louco amor.

JULIO

Fôra preciso que eu não tivesse coração para sujeitar-me a tamanha baixeza.

JERONYMO

Cale-se. Quem mandou que praticasse semelhante loucura? Ensinei-lhe eu alguma vez a manchar a honra das familias? Porque não seguio os meus conselhos e exemplos? Soffra agora calado as consequencias dos seus desvarios, e deixe-se de estar a pregar-me sermões de lagrimas, que nem estamos na quaresma nem o senhor é barbadinho.

JULIO

Pois eu declaro que si não casar com Amelia, não casarei com mulher nenhuma outra.

JERONYMO

Que está ahi dizendo, desavergonhado?

JULIO

E' o que digo. Dou-me cabo da vida com um tiro de rewolver na cabeça.

JERONYMO (*colerico*)

Metta-se n'aquella camarinha, atrevido (*indica á direita*).

JULIO

Obedeço, porque não posso deixar de obedecer.

JERONYMO

Metta-se na camarinha.

JULIO

Pois sim. (*Dá o andar*). Mas juro que hei de fazer o que prometti.

JERONYMO

Não me fale mais sinão o arrebento. Entre já. (*Julio entra para o lugar indicado. Jeronymo tranca a porta, tira a chave e guarda-a no bolso do palitot*). Suicide-se agora ahi dentro. (*Passeia agitado*). Que pedaço de insolente! Estás vendo, Victor?

VICTOR

Coisas de gente moça, senhor.

JERONYMO

Perguntarei si o estou mantendo na academia para elle fazer das suas, dar por páos e por pedras, e querer passar-me a perna em cima. Está mal enganado (*Parando*) Este Recife é um foco de corrupção; botou-me a perder aquella pomba sem fel. Mas hei de lhe tirar as voltas uma por uma á tal pombinha custe o que custar, porque

comigo ninguem mangã, e muito menos quem tem o dever de seguir as minhas ordens, como filho.
(*Batem palmas à direita.*)

DOUTOR (*dentro*)

Dá licença

JERONYMO

Quem será que me procura? (*Victor vai ver quem bate, e o moleque sahe com elle.*) Quem é, Victor? Seja quem fôr pôde entrar.

SCENA III

Jeronymo, Doutor

DOUTOR

Tenho a honra de o cumprimentar.

JERONYMO

Beijo-lhe as mãos. Sente-se nesta cadeira.
(*dà-lh'a*) Não estranhe a desordem que vê. Estou em arranjos de partida para o norte.

DOUTOR (*depois de pausa*)

Ah ! Parte hoje ?

JERONYMO

Dentro de poucas horas. Por isso é que está tudo aqui em confusão.

DOUTOR

Eu tambem devia estar a esta hora de viagem si o que me traz aqui não me tivesse alterado o plano. V. s. não me conhece.

JERONYMO

Para o servir.

DOUTOR

Pois não faz muito tempo que estivemos juntos.

JERONYMO (*como quem procura lembrar-se*)

Não me lembra onde. Tenha a bondade de auxiliar minha memoria que ja foi muito boa, mas hoje já está cansada.

DOUTOR

Não se recorda de haver tido parte em uma scena... pouco agradavel, em casa de...

JERONYMO

Espere, senhor. Si vai referir-se ao *pêga* que tive em casa de um malcriado que pretendeu roubar o meu filho... Mas agora me lembra. E' isso mesmo. Já o reconheci. V s. lá estava, e tomou a parte do pedaço de malcriado que me disse tanta coisa pesada.

DOUTOR

Não se apresse, senhor. Havemos de chegar até lá.

JERONYMO

Lá aonde? A casa do typographo? Só si fosse para lhe metter o páo.

DOUTOR

Não se trata disso por agora, mas de objecto mais grave. Posso ter a certeza de que v. s. me ouvirá por alguns instantes sem se incomodar?

JERONYMO

Antes de tudo desejo saber com quem é que estou fallando.

DOUTOR

V. s. está fallando com o dr. Carlos Pereira.

JERONYMO

Pois diga o quer, sr. doutor.

DOUTOR

O que me trouxe aqui foi defender perante v. s. a causa dessa infeliz que foi victima de seu amor e de sua boa fé.

JERONYMO

E que quer que lhe faça?

DOUTOR

Eu tinha por ociosa a resposta, sr. commendador. Mas como v. s. faz esta pergunta, não

me demorarei em lhe dizer o que sinto. O casamento é o meio natural e unico de reparar a perda de que se trata.

JERONYMO

O casamento ! V. s. quer muito.

DOUTOR

Não quero sinão o que manda a moral e o direito.

JERONYMO

Com licença. Eu tenho assim uns modos asselvajados, um todo de *corumbó*; mas ninguem pense por isso que eu não sei mexer com a lei. O seu direito está torto. Eu em minha terra sou subdelegado e conheço o codigo. Não ha nenhum artigo ahi que obrigue o homem a casar.

DOUTOR

Está enganado, sr. commendador, está enganado. Não é possivel o que diz.

JERONYMO (*levantando-se*)

Mostro-lhe já a minha verdade. O codigo ainda nos está ouvindo d'alli (*indica a estante*). Fiz muito processo deste genero ; nisso ninguem me dá voltas. (*Tira um livro*) Ora preste attenção por quem é. (*Depois de o ter folheado*) «Artigo 219—Offender mulher virgem, menor de dezeseite

annos—Penas de desterro para fóra da comarca, em que residir a offendida, por um a tres annos, e de dotar a esta» Então? Que me diz agora?

DOUTOR (*confuso*)

Isso que acaba de ler é o que está ahi mesmo? Não é possível. Esse código está errado, senhor. Deixa-me ver o livro?

JERONYMO

Com todo o gosto (*entrega-lh'o*) Eu nunca pensei que havia de vir de minha terra passar um quináu tão grande em um doutor. Verdade é que os doutores de hoje. Olhem o Julio.

DOUTOR

Não sou formado em leis; sou medico.

JERONYMO

Ah! isto agora é outro dizer.

DOUTOR (*continuando*)

Formei-me na sciencia da natureza, e não na sciencia dos interesses; estou acostumado a entender-me com principios invariaveis e eternos, e não com preceitosinhos artificiaes e de occasião.

JERONYMO

Queira desculpar-me.

DOUTOR

Sem embargo, nunca me passou pela idéa que principios fundamentaes da moral social podessem brilhar, por sua ausencia, no codigo de uma nação civilizada, como é a nossa.

JERONYMO

Neste particular é que eu não entro.

DOUTOR (*depois de ter lido comsigo*)

E' verdade. Mas esta disposição penal, que em vez de punir com severidade; anima a praticar semelhante crime, esta disposição é cruel e deve desaparecer de nossas leis. Com a autoridade della póde qualquer seductor, tendo segura como tem a sua impunidade levar a deshonna ao lar mais respeitavel. N'uma palavra, sr. commendador, a lei que protege a nossa liberdade, a nossa vida, não protege a nossa honra ; ella a expõe muito ao contrario a rudes e mortaes golpes dos quaes ninguem se poderá resguardar sinão pela força material. Entretanto a honra é de mais preço do que a propriedade e a vida. (*Exaltado*) Socego das familias, tu és pura illusão na sociedade brazileira.

JERONYMO (*ironico*)

O senhor doutor é um defensor *brabo* da honra das familias.

DOUTOR

Sou um defensor convicto, isto é verdade. E porque não? Que segurança pôde ter aquella sociedade em que a honra das familias está exposta a ceder ao primeiro occupante? A luz social tem seu assento na familia, sr. commendador. E' d'ahi que ella se reflecte sobre o cidadão, o legislador, o magistrado, o sacerdote, o letrado, emfim sobre o futuro da nação. Quando essa luz não está bem resguardada das tormentas, sabe v. s. o que é que se vê no seio da sociedade? Sombras, perturbações e ruinas. A mulher representa a impudicicia, o homem representa a lascivia, lascivia que transpõe todos os diques do zelo e da educação, e que destróe as mais bellas flôres do lar como a enchente destróe as mais bellas flôres do prado que ella inunda. Quer um exemplo mais vivo dos males que estou figurando? V. s. que é rico, isto é, que pôde dotar cem offendidas, pôde, tambem autorizado por esse artigo do codigo, fazer-se senhor de cem honras, isto é, pôde fazer cem victimas.

JERONYMO

O que está fóra de duvida, sr. doutor, é que o codigo não obriga o meu afilhado a casar com a irmã do typographo.

DOUTOR

Não o obriga a casar, é verdade, mas lhe impõe a pena — pena ridicula — de desterro para fóra da comarca em que reside a offendida, e de dotar a esta.

JERONYMO

Tenha mão. Nada se póde aventurar a este respeito antes de se saber a idade della. Que annos terá ?

DOUTOR

Póde ter pouco mais de dezesete annos, si tanto.

JERONYMO

Si tem mais de dezesete annos, o meu afilhado póde cantar completa victoria, porque a lei, segundo v. s. já ouviu, só pune esse crime quando a offendida é *menor de dezesete annos*—palavras do codigo.

DOUTOR

Tem razão.

JERONYMO

V. s., que mal pergunto é pai dessa moça ?

DOUTOR (*com altivez*)

Não, senhor. Graças a Deus, não tenho mulher, nem filho, nem amigo, nem creio nos homens, nem preciso das leis. Minha lei, lei para

tudo, é minha moral, é a moral que aprendi de meus pais, que pertenceram a outros tempos, muito diferentes dos tempos actuaes. Minha mulher é minha consciencia. Meu filho é meu coração. Minha religião é a mesma religião do philosopho; faço o bem que posso. Meus amigos são meus livros; nem quero outros melhores do que estes. O ideal da felicidade, nas sociedades constituidas, consiste em viver-se absolutamente só, fazer-se livremente o bem que se quizer e poder, não se ter ninguem por quem se haja de responder immediatamente ou de soffrer. Reconheço que está aqui substanciada a doutrina do egoismo; mas em uma sociedade que se derrete como enfermo purulento, pôde-se ter doutrina diferente desta?

JERONYMO

Não creio que o senhor proceda como diz. A prova de que não estou em erro é que o senhor toma parte por uma pessoa que não lhe pertence, segundo affirma.

DOUTOR (*cahindo em si*)

E' verdade. E' que este meu coração, este meu coração.... Ainda depois de ter feito proposito de ser indifferente ás desgraças alheias, quando menos penso estou chamando para mim metade dellas e padecendo dôres reflexas.

JERONYMO

Ora vamos ver si chegamos a um accordo, sr. doutor ; quero commetter-lhe um negocio.

DOUTOR

Estou prompto a ouvil-o.

JERONYMO

Procure um marido para sua protegida, que eu não terei duvida em dotal-a.

DOUTOR (*nobrememente*)

O senhor propõe-me uma baixaza. A honra da mulher, sr. commendador, não é objecto de commercio, que se troca por dinheiro. Deixe lá falar o codigo ou quem o fez. D'entre cem victimas, só uma se aproveitará do dote que a lei estabelece. E si assim não fôra, a nossa sociedade seria, não ainda um moribundo, mas já um cadaver.

JERONYMO

Ora, não esteja v. s. a exaltar tanto coisas a que a sociedade é a primeira a não dar grande importancia.

DOUTOR (*pathetico*)

Senhor, considere que essa moça é pobre.

JERONYMO

O codigo não faz distincções.

DOUTOR

E' orphã.

JERONYMO

Tambem não tem graça especial para as orphãs.

DOUTOR

E' digna de melhor sorte. Acredito tanto na sinceridade do seu affecto que reputo por felicidade para seu offensor o casamento.

JERONYMO

A prova de que ella não é digna delle, sr. doutor, está no proprio facto que v. s. quer justificar. Emfim acabemos com isto. O casamento é impossivel.

DOUTOR

Bem. Fui infeliz na defesa; sou mão advogado e a lei é pessima. Nada mais me resta que fazer aqui. Mas veja bem, sr. commendador, que vai entrar agora o jury da Providencia. Nesse jury o defensor dos que têm fome e sede de justiça é o proprio Deus, e o direito de Deus é recto. (*Levanta-se*) Desculpe o incommodo que lhe cause; com as minhas importunações.

JERONYMO

Não tenho de que o desculpar.

DOUTOR (*para se retirar*)

Ha de permittir... (*A Jeronimo que o quer acompanhar.*) Por quem é não se incomode.

JERONYMO

Veja que esquece o chapéo de sol.

DOUTOR

E' verdade. (*Emquanto Jeronymo o vai tirar do canto.*) Eu fui um louco em vir procurar a honra na casa do commendador, quando já a deshonra tinha entrado na casa do typographo. (*A Jeronymo que lhe entrega o chapéo*) Agradecido. (*Sahe*)

SCENA IV

JERONYMO (*só*)

Que tal o trumfo? Si fosse filho delle, não havia de consentir em semelhante casamento. Mas aqui anda segredo. Tanto interesse por uma pessoa estranha! E' que a menina te corre pela^s veias. Anda lá, anda lá, Manoel João, que tu não me embaças, não. (*Toca o tympano.*) Longe delle cem leguas. Vai contar a outro tuas historias, que eu sou matuto do sertão, sim, senhor, mas no meu terreiro outro gallo não canta. (*Para dentro.*) Victor? Victor? (*Muda o paletot por outro.*) Não me entendo muito com estes toques. (*A Victor que entra*) Tome sentido na casa emquanto vou á agencia dos vapores. Si alguem

vier procurar por mim, mande entrar e sentar-se, que volto já.

VICTOR

Senhor, sim. (*Jeronymo sahe*)

SCENA V

Victor, Julio

JULIO (*na alcova*)

Victor, abre esta porta.

VICTOR

Meu amo levou a chave comsigo.

JULIO

Procura por ahi mesmo, que has de encontrar-a.

VICTOR (*procurando*)

Não acho. Elle levou. Pois elle havia de a deixar ? Era o mesmo que nada.

JULIO

Vê no bolso do paletot com que elle estava. Si a não encontrares ahi, vai buscar um machado, um ferro qualquer, e põe esta porta abaixo. Quero sahir seja de que modo fôr.

VICTOR (*dando com a chave no paletot*)

Cá está ella. Mas, seu Jeronymo não quer que vmc. saia da camarinha.

JULIO (*com força*)

Abre, abre por minha conta. Preciso de tomar folego. Estou asphyxiado.

VICTOR

E si elle ralhar comigo, e me ameaçar ?

JULIO

Veremos depois o que se deverà fazer nesse caso. Abre já este maldito calabouço.

VICTOR

Eu já sei que eu é que hei de pagar tudo.
(*Abre*)

JULIO (*apparecendo*)

Agora estou livre. Para onde foi meu padrinho? Teria ido á agencia mesmo segundo disse?

VICTOR

Não sei, cuido que foi.

JULIO

Pois quando elle voltar, dize-lhe tu de minha parte, que emquanto teve para mim affectos paternaes, não deixei nunca de lhe ser obediente. Tendo, porém, mudado de procedimento, eu tambem mudo.

VICTOR

Que é que diz, seu Julio ? Ja estou arrependido de lhe ter aberto a porta.

JULIO

Cala-te, e ouve-me. Dize-lhe outrosim que vou daqui direitinho á casa do dr. Pereira convidal-o a ser testemunha do meu casamento.

VICTOR

Pelo amor de Deus, moço, não me faça isto. Vm. bem sabe que seu padrinho é capaz de arre-bentar-me.

JULIO

Não te ha de comer.

VICTOR

Comer, não, que elle não é caboclo brabo ; mas mette-me o cacete que me põe molle, como uma mangaba.

JULIO

Não penses n'isso. Si vires que elle se ensaia para te ir ao pêllo, trata de pôr-te ao fresco e procurar-me. Has de achar-me na rua das Flôres n. 20. Mas não lhe digas a casa.

VICTOR

Meu Deus ! Este moço é meus peccados.

JULIO

Sabes das chaves desta secretária? Não foi aqui que elle guardou o dinheiro? Ah! está aberta. Si a Providencia vela por mim, é por que a justiça está de meu lado. (*Tira dinheiro que guarda no bolso*)

VICTOR

Quer vm. saber de uma historia? Anda por dezeseis annos que uma scena igualzinha a esta se passava com seu padrinho em Olinda. Como Deus é justo! O que elle fez ao pai está vm. fazendo agora com elle.

JULIO

Com tuas historias o que tu queres é dar tempo a meu padrinho chegar. Eu bem te conheço, Victor. (*Põe o chapéu na cabeça*).

VICTOR

Não, senhor; é historia verdadeira que vm. deve saber para se defender do passo que vai dar. Seu Jeronymo andava de amores com uma viuvinha, quando chegou do Ceará o pai d'elle tambem disposto a leval-o para o sertão, por ter sabido que elle estava casa não casa com ella.

JULIO

Sim? E leva agora o tempo a falar dos seus bons exemplos e irrepreheñsivel procedimento.

São uns bypocritas os velhos de todos os tempos !

VICTOR

Seu Jeronymo quiz em principio fugir para casar, como vm. quer fazer agora.

JULIO

Como absolutamente farei. E acaba, que está passando o tempo de sahir.

VICTOR

Mas conselho d'aqui, pedido d'alli, mudou de rumo, e por isso não é hoje um doutor formado.

JULIO

Comigo não se ha de dar o mesmo. E adeus, Victor. Não queres vir comigo ?

VICTOR

Seu Julio, veja primeiro no que se vai metter. Ainda é tempo de mudar de opinião.

JULIO

Sê feliz, e pede a Deus por mim. (*Sahe.*)

SCENA V

VICTOR (*acompanhando-o até à porta*)

Seu Julio, ainda é tempo. (*Volta*) O moço está mesmo com a cabeça revirada. E que padrinho escolheu elle para o casamento ! O proprio dou-

tor Pereira que não me parece ser lá de muito bons costumes. Um homem que anda indagando da vida dos outros!.. Ainda hoje me perguntou quem é seu Jeronymo, si é casado ou solteiro. E o certo é que o fez por maneira tal que tudo arrancou de mim. Agora me está parecendo que fiz mal. O homem é capaz de pôr o velho em apertos por coisas passadas ha tanto tempo. (*Batem palmas*). Quem é que está batendo?

SCENA VI

Victor, Amelia, José

AMELIA

O dono da casa? Quero fallar ao dono da casa. Não é aqui que mora o sr commendador Jeronymo Pinheiro?

VICTOR

E' aqui mesmo, mas elle não está.

AMELIA

Elle se demorará muito?

VICTOR

Não, senhora; deve estar já de volta. Vosmicê póde sentar-se e esperar.

AMELIA

Esperarei. (*Senta-se — José vai debruçar-se em uma das janellas do fundo*).

JOSÉ (*que tem olhado para a rua*)

Elle ahi vem, elle ahi vem, sinha Amelia.

AMELIA

Tu o conheces?

JOSÉ

Eu o conheço, sim, senhora, desde o dia que elle esteve lá em casa.

AMELIA (*sobresaltada*)

Meu Deus, ajudai-me!

VICTOR (*comsigo*)

Galante moça! (*Dirige-se á alcova*) E' bom trancar esta porta para seu Jeronymo não desconfiar. Quando dér pela falta do afilhado, ha de pensar que elle fugio pela outra porta que eu vou de proposito abrir agora. (*Mette a chave no bolso do paletot de Jeronymo e sahe.*)

AMELIA (*de si para si*)

E' o recurso que me resta. Si este faltar, estarei para sempre desgraçada.

SCENA VII

Amelia, José, Jeronymo

JERONYMO (*dentro*)

Depressa, depressa. Na hora de embarcar não quero empate. (*Entra.*) Minha senhora.

AMELIA (*de pé*)

Senhor...

JERONYMO

Esteja a gosto. Quer fallar-me? (*De si para si*)
E' a terceira viuva que me vem pedir esmola
hoje. O ponto foi saberem que o sertanejo tinha
cobres. Mas esta não leva, não senhor.

AMELIA

São poucas as palavras que tenho de lhe dizer.

JERONYMO

Pois então não perca tempo, que eu preciso
muito delle.

AMELIA

Sou uma desgraçada, senhor, porque não co-
nheci pai, e não tenho mãe, nem familia, nem for-
tuna.

JERONYMO

Isto é que é o peor. Mas espere, que eu a estou
entreconhecendo.

AMELIA

Minha pouca idade, ou antes minha má estrella
fez que eu me apaixonasse por um moço, que não
era para mim. (*Com os olhos baixos*) Dei-lhe o
unico thesouro que possuia.

JERONYMO

Fez mal. Quem dá o que tem a pedir vem—diz
um adagio dos antigos.

AMELIA

E' verdade, mas por maior desgraça, só conheci o meu erro quando já não era tempo de o reparar; só conheci a fundura do abysmo quando v. s. se apresentou em nossa casa, e quebrou as rosas da minha illusão.

JERONYMO

Entendo-a.

AMELIA

O desespero lembrou-me uma idéa, e eu aceitei-a como uma inspiração do céo. Venho cahir a seus pés, sr. commendador, para lhe pedir que se compadeça de mim. (*Ajoelha-se aos pés de Jeronymo.*) Senhor, eu era pobre, mas era pura. Não tinha ouro nem brilhantes para adornar-me; tinha porém as flôres da virgindade no seio e no coração. Estas flôres foram quebradas pelas mãos de seu afillado, sr. commendador, mas essas mãos estão cheias de affectos e carinhos para mim. Não é dellas que parte o raio que me fulmina; elle parte da sua, senhor, da sua mão. Mas por quem é, condôa-se desta infeliz orphã, que morrerá de vergonha e dôr quando a apontarem como uma mulher indigna de entrar no seio de uma familia. (*Chora*)

JERONYMO (*levantando-se*)

Levante-se, menina. Tudo quanto posso fazer em seu beneficio, eu o propuz ainda ha pouco ao

seu protector. No seu casamento não consentirei jamais, porque Julio vai casar com minha filha.

AMELIA (*sorpresa*)

Com sua filha! (*serenando*) Sua filha é rica. Não faltará quem a queira.

JERONYMO

Desengane-se. O que disse está dito. Daqui a poucas horas estaremos longe desta terra. Elle me está ouvindo daquelle quarto. Ninguem melhor do que elle sabe que as minhas resoluções são inabalaveis.

AMELIA

Julio está ouvindo esta sentença de morte e não vem em meu soccorro?! (*Chamando alto*) Julio? (*Atira-se á porta que abala*) Julio? (*Silencio*). Ingrato! que cerras os ouvidos a meu pranto! Mil vezes desgraçada sou eu, que já nem me resta a tua compaixão! (*A Jeronymo*) Mas pensa que hei de viver assim? Não, mil vezes não. (*Fóra de si*) Não ha quem me mate, não ha quem queira matar-me aqui? (*Chamando*) Julio? Julio?

JERONYMO (*sobresaltado*)

Socegue, minha senhora, socegue.

AMELIA (*delirante*)

Minha ultima esperança despedaçada! Nem arma nem veneno com que acabar os meus dias! (*Dando com a vista nas janellas do fundo*). Ah! deitar-me-hei da janella na rua. (*Corre em desespero a atirar-se: Encontra-se com Antonio que entra.—Recúa aterrada.*)

SCENA VIII

Amelia, Jeronymo, José, Antonio

ANTONIO (*contrariado*)

Amelia aqui! (*Pega-lhe da mão*) Amelia, que veio ver nesta casa?

AMELIA (*cobrando a razão*)

Mano, dispense-me de o dizer. Não sabe o meu martyrio, a minha afflicção, a minha dôr? (*Soluçã com a cabeça occulta entre as mãos.*)

JERONYMO (*a Antonio*)

Sou eu que tenho o direito de lhe perguntar quem o mandou entrar aqui.

ANTONIO

Olhando para aquella infeliz terá a explicação da minha vinda a sua casa.

JERONYMO

Vé estes papeis ? São passagens. Embarco d'aqui a pouco, e preciso destas ultimas horas. Deixem-me só, imprudentes.

ANTONIO (*toma-lhé os papeis*)

Não ha de embarcar. (*Rasga-os*).

JERONYMO

Atrevido!

ANTONIO (*com energia*)

Seu afilhado não ha de embarcar sem ter primeiro casado com Amelia.

JERONYMO

Nem mais uma palavra, insolente ! (*Chamando*)
Victor ? Victor ?

ANTONIO (*abalando-o*)

Cale-se. Não seja o primeiro a divulgar sua vileza.

JERONYMO (*com força*)

Victor ? Manoel ? Acudam, que querem assassinar-me.

ANTONIO (*apresentando-lhe um revolver*)

Diz a verdade. Não sou assassino, mas eu o serei em poucos momentos si o senhor se escusar a cumprir este dever de vida e morte. Veja bem o que faz.

AMELIA (*interpondo-se*)

Mano, mate-me a mim. Sou eu quem tem toda a culpa deste mal.

JERONYMO (*livrando-se de Antonio*)

Onde estão esses cães, que não vem em meu soccorro? E onde está a minha pistola, que a não encontro! Malvado! Has de pagar-me! (*Procura a direita para sahir, mas Antonio pega-o pelo braço e o arrasta á boca da scena*).

ANTONIO (*ameaçador*)

Ou a minha honra, ou a sua vida.

AMELIA (*como louca*)

Soccorro! soccorro! (*A Antonio*) Mano, mano, eu não quero que você mate ninguem por meu respeito (*com energia*)

SCENA IX

Amelia, Jeronymo, Antonio, Julio, Doutor,
Victor

JULIO (*correndo a Amelia*)

Amelia, chegou o momento da felicidade.

DOUTOR (*a Antonio*)

Que ia fazer, meu amigo?

ANTONIO (*com firmeza*)

Lavar a honra de minha irmã no sangue de um homem que não tem honra.

JERONYMO

Ainda se atreve este assassino !

DOUTOR (*tomando-lhe o revolver e atirando este sobre uma pouca de roupa que está sobre uma cadeira*).

Largue esta arma. Lembre-se que o senhor é um homem de bem.

JERONYMO (*ao doutor*)

O senhor é que tem dado força, com sua protecção, a este desaforado (*indica Antonio* para me desacatar e ameaçar, em minha propria casa como si eu fosse de seu panno.

DOUTOR

Quatro palavras vão lançar luz neste quadro negro. Depois de haver-me retirado d'aqui, indaguei de seu famulo Victor — elle ahi nos está ouvindo (*indica-o*) si o senhor tinha alguma filha. Meu fim era chamar para o nosso ponto a intervenção dessa moça si o senhor a tivesse, em favor da irmã do meu amigo.

JERONYMO

Tenho uma, que ha de ser a mulher de Julio.

DOUTOR

O senhor tem duas filhas e um filho. Uma dellas está, rica e feliz, no seio da casa paterna.

A outra e o irmão — o senhor de certo ainda não esqueceu que deixou dois filhinhos em Olinda ha bastantes annos — estão por ahi deramados, pobres, infelizes.

JERONYMO

Não me esqueceram elle, mas nunca mais os vi nem sei onde estão.

DOUTOR

Sei eu, sr. commendador; e por infelicidade sua — chegou agora a sua vez — essa menina desamparada está nas mesmas condições que esta (*indica Amelia*).

JERONYMO

Que quer dizer com isto, doutor?

DOUTOR

Quero dizer que a sua primeira filha está pobre, desgraçada, e, o que é mais...

JERONYMO

Quero saber toda a historia já. Não se demore, senhor.

DOUTOR

Ella viveu, cresceu, pôz-se moça. O irmão, não podendo completar os estudos, por lhe faltarem os meios; fez-se artista. E' hoje typographo como este amigo (*indica Antonio*)

JERONYMO

Depressa. Acabe.

DOUTOR

Viviam na pobreza e na obscuridade, segundo Deus os ajudava, mãe e filhos que compunham uma só existencia. Nesse lar a honra era a primeira religião. Mas um dia um moço rico, afilhado de um commendador — veja v. s. que igualdade de sortes — apaixonou-se pela candida menina. Ambos amaram-se como loucos. Mas desse amor, em vez de resultar uma felicidade, appareceu uma desgraça.

JERONYMO

Que está dizendo ?

DOUTOR

Sabendo o que acontecêra, o commendador mette-se no vapor, chega ao lugar do delicto, põe impedimentos, emfim emprega todos os meios de frustrar a jurada união.

JERONYMO

E que fez a justiça que não obrigou o offensor a casar com a offendida ?

DOUTOR

A justiça não podia fazer isso, senhor; o nosso codigo não tem para casos taes como pena o casamento do offensor com a offendida ; e por muito

feliz deverá reputar-se a sua filha si o ricaço quizer, por generosidade, fixar-lhe um dote.

JERONYMO

Tem razão.

DOUTOR

O commendador não descansou um momento. Apparelhou-se para o roubo do afilhado, pagou passagens...

JERONYMO (*aniquillado*)

Havemos de ver si elle embarca. Tenho amigos tambem aqui (*Como caindo em si.*) Mas que historia me conta, doutor? Tamanha semelhança me espanta.

DOUTOR

Esta é a sua propria historia, senhor commendador. Eis aqui seus filhos. (*indica Antonio e Amelia*)

JERONYMO (*hesitando*)

O que, o que, senhor ?!

AMELIA (*admirada*)

Será possivel ?

ANTONIO (*perturbado*)

Meu pai! Elle! Não. Isto é um sonho.

DOUTOR

Não, não é sonho. Elle é seu pai, meu amigo. Ahi está Victor, que não me deixa mentir.



VICTOR (*a Jeronymo*)

São elles mesmos. Contarei tudo depois. (*A Antonio e Amelia*) Carreguei-os em meus braços, e não me conhecem! Si eram tão pequeninos!... Mas não importa. Conheço-os eu. Corram a pedir a benção a seu pai.

JERONYMO

E Marianna? Onde está Marianna?

ANTONIO

No céu.

JERONYMO

Oh! meu Deus! Que mysterio de causar admiração! Eu não estou em mim. (*A Antonio e Amelia*) Abracem-me, abracem-me. D'ora em diante serei o melhor dos pais. (*A Julio*) Julio, casarás com Amelia. Peço perdão a todos aquelles a quem offendi.

JULIO (*ao doutor*)

Doutor, com que poderei pagar-lhe a minha felicidade, que devo á sua dedicação e esforço paternal?

DOUTOR

O senhor é moço, tem talento e d'aqui a pouco estará habilitado a occupar uma cadeira no seio da representação nacional. Tenha a sua primeira palavra ahi para tratar da reforma desse artigo



do código, que deixa a honra da família exposta a desastres irreparáveis. Assim obrando, terá o senhor pago plenamente o que me deve.

JULIO (*com solemnidade*)

Juro que, chegando a essas alturas, será este o meu empenho de honra.

JERONYMO (*a Antonio e Amelia*)

Venham outra vez a meus braços, filhos de minha alma. Nunca os esqueci, nunca! Meu coração está nadando em prazer. Não vêem como choro? É de contentamento, é de alegria. Abraça-me, Amelia; abraça-me, Antonio.

ANTONIO E AMELIA

Agora a sua bênção. A sua bênção, meu pai.

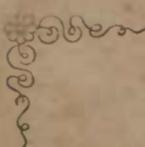
JERONYMO

Com todo o prazer (*Abençoando-os*) Deus os abençoe, meus filhos. Deus os abençoe, proteja, e felicite.

DOUTOR (*apontando*)

Só a mão da Providencia poderia formar este quadro.

FIM.

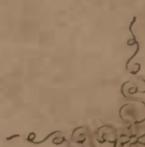
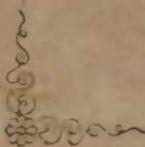


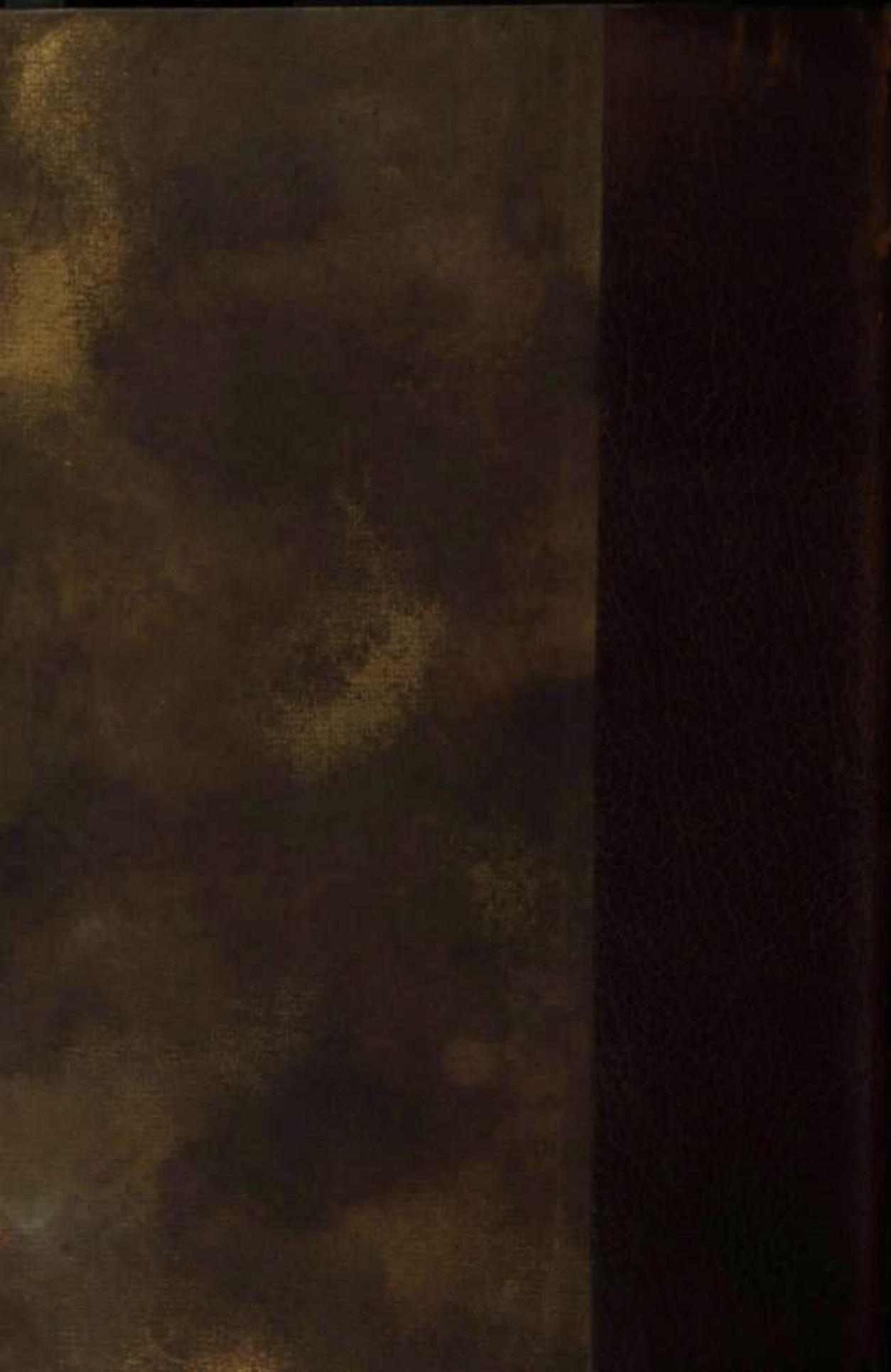
OBRAS DO MESMO AUTOR

Cartas a Cincinnato, estudo critico, 1 vol....	2\$000
O Cabelleira (primeiro livro da LITTERATURA DO NORTE).....	3\$000
Um mysterio de familia, drama em tres actos.	1\$000

A' venda nas principaes livrarias da côrte e das provincias.

A quem comprar as tres obras faz-se o abatimento de 1\$000.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).